

Introdução
Manual das Línguas Indígenas Americanas
por
Franz Boas¹

Índice

1. Raça e Língua

Primeiras tentativas de determinar a posição da raça americana

Classificações baseadas em tipo físico, língua e costumes

Relações entre tipo físico, língua e costumes

 Permanência do tipo físico, mudanças na língua e cultura

 Permanência da língua; mudanças de tipo físico

 Mudanças de língua e tipo

 Permanência de tipo e língua, mudança de cultura

Hipótese de correlação original de tipo, língua e cultura

Caráter artificial de todas as classificações da humanidade

2. As características da língua

 Definição de língua

 Características da fonética

 Número de sons ilimitados

 Cada língua usa um número limitado de sons

1 Boas, Franz. 1911. *Introduction. Handbook of American Indian Languages*, vol. 1, pp. 1-83. Bureau of American Ethnology, Bulletin 40. Washington: Government Print Office (Smithsonian Institution/Bureau of American Ethnology). Original disponível em: <http://www.etnolingua.org/biblio:boas-1911-introduction>.

Suposta falta de diferenciação de sons nas línguas primitivas

Breve descrição da fonética

Inconsciência dos elementos fonéticos

Categorias gramaticais

Diferenças em categorias de línguas diferentes

Limite do número de grupos fonéticos que expressam ideias

Processos gramaticais

Palavra e sentença

Raiz e afixo

Discussão de categorias gramaticais

Categorias nominais

Gênero

Plural

Caso

Tempo

Pronomes pessoais

Pronomes demonstrativos

Categorias verbais

Interpretação das categorias gramaticais

3. Classificação de línguas

Origem de dialetos

Comparação de línguas distintas

Influências mútuas de línguas

Influências fonéticas

Influências gramaticais

Influências lexicográficas

Origem de semelhanças; por disseminação ou por desenvolvimento paralelo

Influência do meio ambiente sobre a língua

Influência de traços psíquicos comuns

Incerteza na definição de famílias linguísticas

4. Linguística e etnologia

Necessidade prática de estudos linguísticos para finalidades etnológicas

Importância teórica de estudos linguísticos

Língua: uma parte dos fenômenos etnológicos em geral

Língua e pensamento

Caráter inconsciente dos fenômenos linguísticos

5. Características das línguas americanas

1. Raça e língua

Primeiras tentativas de determinar a posição da raça americana

Quando Colombo iniciou sua viagem para chegar às Índias, velejando em direção ao oeste, e descobriu as praias da América, observou uma nova raça de homem, de tipo, de cultura e de língua diferentes de quaisquer outras conhecidas antes daquela época. Essa raça não se parecia com os tipos europeus, nem com os negros ou com as raças mais conhecidas do sul da Ásia. Conforme a conquista espanhola da América progredia, outros povos do nosso continente tornaram-se conhecidos dos invasores e todos mostravam certo grau de semelhança externa, o que levou os espanhóis a designá-los pelo termo “Índios” – os habitantes do território que se acreditava fazer parte da Índia. Como consequência, o termo geográfico equivocado começou a ser usado para designar os habitantes do Novo Mundo e, devido ao contraste de sua aparência com a de outras raças e às particularidades de suas culturas e línguas, eles passaram, com o tempo, a ser considerados uma unidade racial.

O mesmo ponto de vista ainda prevalecia quando as descobertas abrangeram áreas mais extensas do Novo Mundo. As pessoas com quem os espanhóis e os portugueses entraram em contato na América do Sul, assim como os habitantes das partes setentrionais da América do Norte, pareciam partilhar as mesmas características e assim passaram a receber a mesma classificação dos primeiros nativos descobertos, e foram considerados como uma raça única da humanidade.

Somente depois de termos expandido nosso conhecimento sobre as tribos indígenas é que as diferenças entre os vários tipos de homem que habitam o nosso continente se tornaram conhecidas. No início, reconheceram-se não só diferenças em grau de cultura, mas também diferenças na língua. Bem mais tarde, reconheceu-se o fato de que os índios do nosso continente se diferenciavam em tipo tanto entre eles mesmos quanto de membros de outras raças.

Assim que pesquisadores começaram a se preocupar com essas questões, o problema da posição dos nativos da América entre as raças humanas passou a ser foco de maior interesse. Já nas primeiras descrições do Novo Mundo, fizeram-se especulações sobre a sua origem e sobre suas relações.

Dentre as primeiras tentativas, encontramos esforços específicos para provar que algumas crenças e costumes dos índios coincidiam com aqueles do Velho Mundo. Essas semelhanças foram consideradas evidência de que eles pertenciam a uma das raças enumeradas na história bíblica; e a teoria de que eles representam as tribos perdidas de Israel era frequentemente proposta e perdurou por bastante tempo. De modo semelhante, traçaram-se analogias entre as línguas do Novo Mundo e aquelas do Velho Mundo, e muitos pesquisadores acreditam ainda hoje que tenham conseguido estabelecer tais relações. Fizeram-se também tentativas de provar semelhanças de aparência entre as raças americanas e outras raças e, conseqüentemente, determinar a sua posição entre as raças do Velho Mundo.

Classificações baseadas no tipo físico, na língua e nos costumes.

Os problemas envolvidos na determinação das relações entre as várias raças têm sido abordados a partir de dois pontos de vista diferentes – ou tenta-se determinar uma posição definida em relação a uma raça em um sistema classificatório das raças do homem, ou posiciona-se a descrição da história da raça em uma época passada tão longínqua quanto os registros permitam.

São inúmeras as tentativas para classificar a humanidade. Colocando-se de lado as classificações baseadas na tradição bíblica, e considerando-se somente aquelas que são baseadas em discussão científica, encontramos um número de tentativas baseadas nas comparações de características anatômicas da humanidade, combinadas com considerações geográficas; outras estão baseadas na discussão entre a combinação de características anatômicas e culturais – traços que são considerados característicos de certos grupos da humanidade; enquanto outras ainda estão baseadas essencialmente no estudo das línguas faladas por pessoas representantes de certo grupo anatômico.

As tentativas que têm sido feitas têm levado a resultados completamente diferentes. Blumenbach, um dos primeiros cientistas que tentaram classificar a humanidade, distinguiu primeiramente cinco raças – caucasiana, mongólica, etiópica, americana e malaia². Essa descrição está claramente baseada tanto em considerações geográficas quanto anatômicas, embora a descrição de cada raça seja predominantemente anatômica. Cuvier distinguiu três raças – os brancos, os amarelos e os negros. Huxley baseia-se estritamente em uma base biológicos. Ele combina parte das raças Mongólica e Americana de Blumenbach em uma só raça, relaciona parte dos povos do sul asiático ao tipo australiano, e subdivide as raças europeias em grupos de morenos e loiros. A preponderância numérica dos tipos europeus levou-o evidentemente a fazer distinções mais precisas nessa raça, que ele divide em raças xantocróticas e melanocróticas. Seria fácil fazer subdivisões de igual valor em outras raças. É ainda mais evidente a influência de pontos de vista culturais nas classificações como as de Gobineau e Klemm (que distingue as raças ativas e as passivas), de acordo com as conquistas culturais de vários tipos de homem.

A tentativa mais típica de classificar a humanidade, considerando-se tanto o ponto de vista anatômico quanto linguístico, é a de Friedrich Müller, que toma a forma do cabelo como base para suas primeiras divisões, enquanto todas as divisões menores estão baseadas em considerações linguísticas.

Relações entre tipo físico, língua e costumes

Uma tentativa de correlacionar as inúmeras classificações que têm sido propostas mostra claramente a condição de absoluta confusão e contradição. Se fosse verdade que a forma anatômica, a língua e a cultura estão estreitamente associadas e que cada subdivisão da humanidade é caracterizada por uma determinada forma corporal, uma determinada cultura e uma determinada língua que não podem ser dissociadas, poderíamos esperar que os resultados de várias pesquisas mostrassem maior concordância entre si. Se, por outro lado, os vários fenômenos que se constituíram como os pontos principais na tentativa da classificação não estiverem estritamente associados, então podemos naturalmente esperar encontrar tais contradições e falta de concordância. É, portanto, necessário primeiramente esclarecer o significado das características anatômicas, da língua e da cultura como características de qualquer subdivisão da humanidade. Parece aconselhável considerar-se o desenvolvimento real desses vários traços entre as raças existentes.

2 Nota da Tradução (doravante N.T.): Toma-se como referência o trabalho de Giralda Seyferth para a apresentação em português dos nomes de raças mencionados por F. Boas, em SEYFERTH, Giralda. 1995. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Anuário Antropológico*, 93: 175-203.

Permanência do tipo físico; mudanças em língua e cultura

Atualmente podemos observar muitos casos em que houve uma mudança completa de língua e cultura sem ter havido uma mudança correspondente no tipo físico. Isso é verdade, por exemplo, entre os negros norte-americanos, um povo de descendência maioritariamente africana; entretanto, são essencialmente Europeus em termos de cultura e língua. Enquanto certas permanências da cultura e língua africanas são encontradas entre nossos negros americanos, sua cultura é essencialmente a das classes de pessoas não educadas com as quais convivem e sua língua é idêntica à de seus vizinhos – inglês, francês, espanhol e português, de acordo com a língua predominante nas várias partes do continente. Pode-se opor à ideia de que o transporte da raça africana para a América foi artificial e de que no passado extensas migrações e transplantações desse tipo não aconteciam.

Entretanto, a história da Europa medieval mostra claramente que extensas mudanças na língua e cultura aconteceram muitas vezes sem mudanças correspondentes de sangue. Pesquisas recentes de tipos físicos da Europa têm mostrado claramente que a distribuição de tipos tem se mantido a mesma por um longo período de tempo. Por um lado, sem se considerar os detalhes, pode-se dizer que um tipo alpino pode facilmente distinguir-se de um tipo do norte europeu e, por outro lado, de um tipo do sul europeu. O tipo alpino aparece de modo bastante uniforme em um grande território, independentemente da língua que possa ser falada e da cultura nacional que possa prevalecer naquela região específica. Os franceses, alemães, italianos e eslavos da Europa central são tão próximos a um mesmo tipo que podemos afirmar seguramente que há um grau considerável de relação sanguínea, apesar de suas diferenças linguísticas.

Exemplos de tipos semelhantes, nos quais se verifica a permanência de sangue com modificações de longo alcance de língua e cultura, são encontrados em outras partes do mundo. Como exemplo, podem-se mencionar os Aeda³ do Ceilão, um povo com um tipo

3 N.T.: Na maior parte dos casos, optou-se por manter a grafia dos nomes de famílias linguísticas e de alguns etnônimos tal como apresentados por Franz Boas em seu texto original. Em alguns casos, foi possível aproximar o etnônimo do português pela terminação. Procurou-se seguir, assim, as convenções da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, tal como publicado na *Revista de Antropologia*, n. 2, v.2, p. 150-152, 1954 (disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/issue/view/8378/558>). Tomou-se como referência também o trabalho de ROSA, M. C. "Revisitando a Convenção e A grafia de nomes tribais brasileiros". *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 59, p. 25-46, jul.-dez. 2020, já que o trabalho reúne e analisa um conjunto significativo de acordos, convenções e debates em torno da questão. Há poucas referências de atlas e estudos linguísticos em língua portuguesa que tenham oferecido, nas últimas décadas, uma forma de grafia adequada ao português e, ao mesmo tempo, respeitosa com as autodenominações indígenas para seus etnônimos, línguas e famílias linguísticas. Nesse sentido, para manter o entendimento linguístico das famílias no contexto de produção linguística de F. Boas, evitou-se fazer a atualização dos nomes das famílias linguísticas, seja seguindo o livro *American Indian Languages*

fundamentalmente diferente dos seus vizinhos cingaleses⁴, cuja língua eles parecem ter adotado e de quem eles também tomaram emprestado alguns traços culturais. Ainda outros exemplos são os japoneses da parte norte do Japão, que são, sem dúvida, até certo ponto, de sangue ainu; e os Yukagir da Sibéria que, embora tenham mantido extensivamente o sangue antigo, tiveram sua cultura e língua assimiladas por seus vizinhos Tungus.

Permanência da língua; mudança do tipo físico

Enquanto em muitos casos um povo mudou completamente sua língua e cultura sem passar por uma mudança considerável pela mistura, em outros casos verifica-se que um povo manteve sua língua enquanto experimentou mudanças materiais no sangue e na cultura, ou em ambos. Como exemplo, podem-se mencionar os Magiães da Europa, que conservaram sua língua antiga, mas se misturaram com falantes de línguas indo-europeias e adotaram a cultura europeia para diferentes finalidades.

Condições semelhantes devem ter prevalecido entre os Athapascan, uma das grandes famílias linguísticas da América do Norte. O grande grupo de falantes das línguas pertencentes a esse conjunto linguístico vive na parte noroeste da América, enquanto outros dialetos são falados por tribos pequenas na Califórnia, e ainda outros são falados por um grande grupo de pessoas no Arizona e Novo México. A relação entre todos esses dialetos é tão estreita que eles devem ser considerados ramos de um grande grupo e pode-se afirmar que todos eles derivaram de uma língua antes falada em uma área contínua. Atualmente, os falantes dessas línguas diferem fundamentalmente em tipo, sendo os habitantes da região do rio Mackenzie muito diferentes das tribos da Califórnia e esses, por

(CAMPBELL, 1997), seja o *Atlas of the World's Languages in danger* (MOSELEY, 2010) - ver MOSELEY, Christopher (ed.). 2010. *Atlas of the World's Languages in Danger*, 3rd edn. Paris, UNESCO Publishing (disponível em <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>). Da mesma forma, evitou-se qualquer tentativa de recriação dos nomes em português. Para os etnônimos e línguas dos povos Tsimshian, Pawnee, Athapascan, Chinuque, Hoopa, Omaha, Algoquino (línguas algoquinas) e Iroquês segue-se as grafias da tradução de Rosaura Maria Cirne Lima Eichenberg no livro de STOCKING JR., George. 2004. *Franz Boas: A formação da Antropologia Norte Americana 1883 - 1911*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda. Para os etnônimos e línguas dos povos Kwakiutl, Sioux, Haida, Tlingit, Sauk, Fox e Shoshone segue-se as grafias utilizadas por José Carlos Pereira no livro BOAS, Franz. 2015. *Arte primitiva*. [tradução de José Carlos Pereira]. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

4 N.T.: No caso dos *gentílicos*, quando há a predominância da localização geográfica para a denominação de um conjunto de indivíduos, adota-se a flexão de número e a primeira letra minúscula. Isso permite a diferenciação com relação aos etnônimos, coletividades diferenciadas linguística, étnica e territorialmente, para as quais se utiliza a primeira letra maiúscula e a não flexão de número, tal como estabelece a convenção da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia, publicada na *Revista de Antropologia*, 2(2): 150-152, 1954. Seguindo a convenção, da forma como a reinterpreta Mellati, “[o]s nomes tribais, quer usados como substantivos, quer como adjetivos, não terão flexão de gênero e de número, a não ser que sejam de origem portuguesa ou morficamente aportuguesados” (MELATTI, Julio César. 1999. Convenção para a Grafia dos Nomes Tribais. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/notas/n-cgnt.pdf>).

sua vez, diferem das tribos do Novo México. As formas de cultura nessas diferentes regiões também são bastante distintas; a cultura dos Athapascan da Califórnia assemelha-se à de outras tribos californianas, enquanto a cultura dos Athapascan do Novo México e Arizona é influenciada pela cultura de outros povos daquela área. Parece bastante plausível supor nesse caso que ramos desse grupo migraram de uma parte dessa grande área para outra onde eles se misturaram com os povos vizinhos e assim mudaram suas características físicas enquanto, ao mesmo tempo, preservaram as suas línguas. Esse processo não pode ser provado sem evidência histórica. Voltarei a fazer referência a esse processo mais adiante.

Mudanças da língua e do tipo

Esses dois fenômenos – a permanência do tipo com a mudança da língua e a permanência da língua com a mudança de tipo –, aparentemente um oposto ao outro, estão estreitamente relacionados e, em muitos casos, andam de mãos dadas. Um exemplo desse fato é a distribuição dos árabes ao longo da costa norte da África. No geral, o elemento árabe manteve sua língua; mas, ao mesmo tempo, casamentos entre as raças nativas eram comuns, e, portanto, os descendentes dos árabes têm mantido a língua antiga e mudado o seu tipo. Por outro lado, os nativos têm, até certo ponto, desistido de suas próprias línguas, mas continuam a casar-se entre si mesmos e têm, conseqüentemente, preservado o seu tipo. Até agora, como qualquer mudança desse tipo está relacionada com mestiçagem, os dois tipos de mudanças devem sempre ocorrer ao mesmo tempo e serão classificadas como uma mudança de tipo e uma mudança de língua, conforme nossa atenção é direcionada para um povo ou outro, ou, em alguns casos, quando uma ou outra mudança prevalece. Parecem raros ou até mesmo inexistentes os casos de completa assimilação sem nenhuma mistura dos povos envolvidos.

Permanência do tipo e da língua; mudança de cultura

Casos de permanência do tipo e da língua e casos de mudança da cultura são muito mais numerosos. Na verdade, o desenvolvimento histórico total da Europa, desde a pré-história, revela uma longa série de exemplos desse processo, que parece ser muito mais fácil, porque a assimilação de culturas ocorre em todos os lugares sem uma real mistura de sangue, como um efeito de imitação. Provas da difusão de elementos culturais podem ser encontradas em todas as áreas culturais que cobrem uma região onde muitas línguas são faladas. Na América do Norte, a Califórnia oferece um bom exemplo desse tipo, porque ali são faladas muitas línguas e há certo grau de diferenciação de tipo, mas, ao mesmo

tempo, prevalece uma considerável uniformidade de cultura. Outro caso em questão é a costa da Nova Guiné, onde, apesar de fortes diferenciações locais, predomina certo tipo de cultura bastante característico que acompanha uma forte diferenciação de línguas. Entre povos mais civilizados, toda a área que está sob a influência da cultura chinesa pode ser dada como um exemplo.

Essas considerações esclarecem que, pelo menos atualmente, o tipo anatômico, a língua e a cultura não têm necessariamente os mesmos destinos; um povo pode manter seu tipo e língua, e mudar sua cultura; eles podem manter seu tipo, mas mudar a língua; ou eles podem manter a língua, mas mudar seu tipo e cultura. Se isso for verdade, então é óbvio que tentativas de classificar a humanidade baseando-se na distribuição atual do tipo, da língua e da cultura devem levar a resultados diferentes de acordo com o ponto de vista adotado; uma classificação baseada exclusivamente no tipo levará a um sistema que representa, com relativa precisão, as relações sanguíneas do povo, que não precisam coincidir com suas relações culturais; ao mesmo tempo, classificações baseadas na língua e cultura não precisam coincidir com a classificação biológica.

Se isso for verdade, então um problema como o dos arianos, que é muito discutido, não existe, porque o problema é essencialmente linguístico, relacionado à história das línguas arianas; e a suposição de que certo povo definido cujos membros foram sempre relacionados por sangue deve ter sido o detentor dessa língua ao longo da história; e outra suposição de que certo tipo cultural deve ter sempre pertencido a esse povo – são puramente arbitrárias e não estão de acordo com os fatos observados.

Hipótese da correlação original de tipo, língua e cultura

Entretanto, deve-se presumir que, para uma consideração teórica da história dos tipos de humanidade, de línguas e de culturas, somos levados a supor que nas condições iniciais cada tipo era muito mais isolado do resto da humanidade que nos dias atuais. Por essa razão, a cultura e a língua pertencentes a um único tipo devem ter ficado muito mais separadas de outros tipos do que achamos que elas sejam hoje. É verdade que tal condição não foi observada em nenhum lugar: mas o conhecimento de desenvolvimentos históricos nos leva a supor sua existência em um período inicial no desenvolvimento da humanidade. Se isso é verdade, surge a questão de se um grupo isolado em um período inicial era necessariamente caracterizado por seu tipo único, sua língua única e sua cultura única ou se, nesse grupo, tipos diferentes, línguas diferentes e culturas diferentes podem ter sido representados.

O desenvolvimento histórico da humanidade poderia nos fornecer um cenário mais simples e claro se nos fosse justificado pressupor que nas comunidades primitivas os três fenômenos tenham sido intimamente associados. Entretanto, não há prova de tal suposição. Ao contrário, a atual distribuição de línguas, comparada à distribuição de tipos, torna possível afirmar que mesmo em períodos iniciais as unidades biológicas podem ter sido mais amplas que as unidades linguísticas e, supostamente, mais amplas que as unidades culturais. Acredito que se pode seguramente dizer que em todo o mundo as unidades biológicas são muito maiores que as unidades linguísticas: em outras palavras, que grupos de homens que são muito parecidos fisicamente podem ser considerados representantes da mesma variedade humana, compreender um número muito maior de indivíduos que o número de homens que falam línguas que podem ser geneticamente relacionadas. Encontram-se exemplos desse tipo em muitas partes do mundo. Portanto, a raça europeia, incluindo sob esse termo aproximadamente todos os indivíduos que são classificados por nós, sem receios, como membros da raça branca – que abrangeria povos falantes de línguas indo-européias, do Basco e de línguas uralo-altaicas. Negros do oeste da África representariam indivíduos de certo tipo negro, mas falantes das línguas mais diversas; o mesmo pode ser dito a respeito dos siberianos entre os tipos asiáticos e a respeito dos índios californianos entre os tipos americanos.

Baseando-se em evidência histórica, não há razão para acreditar que o número de línguas distintas tenha sido, em qualquer período, menor do que é hoje. Ao contrário, todas as evidências mostram que o número de línguas aparentemente não relacionadas era muito maior em períodos iniciais do que é hoje. Por outro lado, o número de tipos que supostamente desapareceram parece ser bastante pequeno, não havendo razão para supor que em um período inicial deva ter havido uma correspondência mais próxima entre o número de tipos linguísticos e o número de tipos anatômicos distintos. Somos levados à conclusão de que provavelmente, em um período inicial, cada tipo humano possa ter existido em um número de pequenos grupos isolados, e cada um teria sua própria língua e cultura.

Entretanto, as probabilidades favorecem a suposição de que não é necessário pressupor que cada tipo e cultura estivessem restritos a uma língua. Em suma, tem havido em todas as épocas uma correlação estreita entre os três fenômenos.

A suposição de que tipo, língua e cultura estão originalmente correlacionados implica outra suposição de que esses três traços se desenvolveram aproximadamente no mesmo período e se desenvolveram conjuntamente por um período considerável de tempo. Essa suposição não parece ser plausível de modo algum. Os tipos fundamentais de homem

que são representados na raça negra e na raça mongol devem ter sido diferenciados muito antes da formação das formas de linguagem que são atualmente reconhecidas como as famílias linguísticas do mundo. Eu acho que mesmo a diferenciação das subdivisões mais importantes das principais raças antecede a formação das famílias linguísticas existentes. De qualquer maneira, a diferenciação biológica e a formação da linguagem no período inicial estavam submetidas às mesmas causas que agem sobre elas atualmente, e toda nossa experiência mostra que essas causas atuam bem mais rapidamente sobre a língua que sobre o corpo humano. Por meio dessas considerações coloca-se a razão principal para a teoria de falta de correlação entre tipo e língua, mesmo durante o período de formação dos tipos e das famílias linguísticas.

O que é verdadeiro para a língua é obviamente mais verdadeiro para a cultura. Em outras palavras, se um tipo de homem migrou para uma dada área antes de sua língua ter assumido a forma que pode ser encontrada agora em grupos linguísticos correlacionados, e antes de sua cultura ter assumido o tipo definitivo que pode ser reconhecido a partir do seu desenvolvimento, não seria possível descobrir a correlação do tipo, língua e cultura ainda que ela tenha existido; e é bem possível que tal correlação nunca tenha existido.

Pode-se supor que um tipo racial tenha se espalhado sobre uma área considerável durante o período de formação de sua linguagem, e que as línguas que se desenvolveram entre os vários grupos desse tipo racial tornaram-se tão diferentes que hoje é impossível provar que eles sejam geneticamente relacionados. Do mesmo modo, podem ter ocorrido novos tipos de desenvolvimentos culturais que estão tão dissociados de tipos mais velhos que as relações genéticas antigas, mesmo que tenham existido, não podem mais ser descobertas.

Se adotarmos esse ponto de vista, e, conseqüentemente, eliminarmos a suposição hipotética de correlação entre tipos primitivos, língua primitiva e cultura primitiva, reconheceremos que qualquer tentativa de classificação que inclua mais de um desses traços não pode ser consistente.

Pode-se acrescentar que o termo geral “cultura”, que tem sido usado aqui, pode ser subdividido a partir de um número considerável de pontos de vistas, e resultados diferentes podem ser esperados quando consideramos as invenções, os tipos de organização social, ou crenças como pontos de vista principais em nossa classificação.

Caráter artificial de todas as classificações da humanidade

Reconhecemos, portanto, que todas as classificações da humanidade devem ser mais ou menos artificiais de acordo com o ponto de vista selecionado, e aqui, ainda mais

do que na área da biologia, achamos que essa classificação só possa ser uma substituição para a gênese e história dos tipos atualmente existentes.

Portanto, reconhecemos que o objeto essencial na comparação de tipos diferentes de homem deve ser a reconstrução da história do desenvolvimento de seus tipos, línguas e culturas. A história de cada um desses vários traços está sujeita a um conjunto distinto de causas modificadoras e espera-se que a investigação de cada um possa contribuir com fatos para a solução de nosso problema. A investigação biológica pode revelar as relações sanguíneas dos tipos e suas modificações em um ambiente social e geográfico. A investigação linguística pode revelar a história das línguas, o contato do povo falante dessas línguas com outros povos e as causas que levaram à diferenciação e integração linguísticas; enquanto isso, a história da civilização trata do contato de um povo com povos vizinhos assim como com a história de suas próprias conquistas.

2. As Características da Língua⁵

Definição de Língua

As discussões do capítulo anterior mostraram que a consideração das línguas humanas isoladamente não pode ser compreendida como suficiente para produzir a história das relações sanguíneas das raças e dos elementos que as compõem, mas tudo que podemos esperar obter é uma compreensão clara da relação das línguas, sem importar por quem elas são faladas.

Antes de discutir a extensão para a qual podemos reconstruir a história das línguas, é necessário descrever brevemente os traços essenciais da fala humana.

Na nossa discussão atual não tratamos da linguagem gestual ou dos meios musicais de comunicação, mas focamos na discussão da fala articulada; isto é, na comunicação por meio de grupos de sons produzidos pelos órgãos de articulação – laringe, cavidade oral, língua, lábios e nariz.

Caracterização da Fonética

A fala consiste de grupos de sons produzidos pelos órgãos de articulação, em parte sons produzidos ao abrir e fechar certos lugares na laringe, faringe, boca ou nariz, ou

5 N.T.: Dada a importância desta obra de F. Boas para a história das ideias antropológicas e linguísticas, optou-se por manter os conceitos e termos técnicos o mais próximos do original, pelo entendimento de que tais conceitos se inserem no campo de debates acadêmicos da época. Além disso, procedendo dessa maneira, é possível entender o impacto que as elaborações teórico-metodológicas de Boas tiveram para futuros desenvolvimentos desses campos do saber.

ao restringir a passagem de ar por certas partes; em parte sons ressonantes produzidos pelas cordas vocais.

O número dos sons é ilimitado

O número de sons que podem ser produzidos desse modo é ilimitado. Em nossa própria língua, selecionamos apenas um número limitado de todos os sons possíveis. Alguns sons, por exemplo, como *p*, são produzidos com o fechamento e com a abertura repentina dos lábios, outros, como *t*, colocando a ponta da língua em contato com a parte anterior do palato, produzindo uma oclusão nesse ponto e expelindo o ar repentinamente. Por outro lado, um som pode ser produzido ao colocar-se a ponta da língua entre os lábios, provocando assim uma oclusão e expelindo o ar repentinamente. Aos nossos ouvidos, esse som apresenta as características tanto do *t* como do *p*. Entretanto, ele não corresponde a nenhum dos dois. Uma comparação dos sons das línguas europeias conhecidas – como inglês, francês e alemão; ou mesmo dos diferentes dialetos dessas mesmas línguas, como o escocês e vários dialetos ingleses – revela o fato de que uma variação considerável ocorre no modo como os sons são produzidos e de que cada dialeto tem seu próprio sistema fonético característico, no qual cada som é parcialmente fixo, embora seja sujeito a modificações leves devido a acidente ou a efeitos dos sons circunvizinhos.

Cada língua usa um número limitado de sons

Um dos fatos mais importantes relacionados à fonética da fala humana é que cada língua tem um grupo de sons definidos e limitados e que o número de sons usados em um dado dialeto nunca é muito grande.

Parece que esse limite no uso de sons é necessário para a comunicação rápida. Se o número de sons em uma língua específica fosse ilimitado, presume-se que faltaria precisão na realização dos movimentos de um mecanismo complicado para produzir os sons e, conseqüentemente, a rapidez e a exatidão da pronúncia também ficariam comprometidas. Logo, seria difícil ou impossível a interpretação precisa dos sons ouvidos. Por outro lado, a limitação no número de sons faz com que os movimentos necessários para a produção de cada um se tornem automáticos, com que a associação entre o som ouvido e os movimentos musculares, e com que a associação entre a impressão auditiva e a sensação muscular da articulação se tornem bem fixas. Portanto, parece que recursos fonéticos limitados são necessários para uma comunicação fácil.

Sobre a suposta falta de diferenciação de sons em línguas primitivas

Tem-se admitido que essa não é uma característica encontrada em tipos de línguas mais primitivas e, particularmente, exemplos de línguas americanas têm sido apresentados para demonstrar que há menos precisão em sua pronúncia do que nas línguas do mundo civilizado.

Esse ponto de vista baseia-se no fato de que certos sons que ocorrem nas línguas americanas são interpretados pelos observadores algumas vezes como um som europeu, algumas vezes como outro. Portanto, a língua pawnee⁶ contém um som que pode ser ouvido de modo bastante distinto algumas vezes como um *l*, outras vezes como um *r*, ou como um *n*, e novamente como um *d*, o qual, sem nenhuma dúvida, é o mesmo som, embora modificado até certo ponto pela sua posição na palavra e pelos sons circunvizinhos. Ele é um *r* excessivamente fraco, produzido pela vibração ao encostar a ponta da língua em um ponto um pouco atrás da raiz dos incisivos, e nesse ponto a língua se mantém no palato, e a vibração é produzida pela parte lateral da língua juntando-se à ponta. Quando o som da vibração é ouvido de modo mais forte, temos a impressão de ouvir um *r*. Quando o movimento lateral prevalece e a ponta da língua não deixa o palato, a impressão de ouvir um *l* é mais forte; entretanto, quando o som vibrante é quase suprimido e a língua deixa o palato de repente, tem-se a impressão de ouvir um *d*. Quando o som é acompanhado da passagem de ar pelo nariz, tem-se a impressão de ouvir um *n*. Esse som peculiar é totalmente estranho ao nosso sistema fonético; mas suas variações não são maiores do que as do *r* inglês em várias combinações como em *broth*, *mother* e *where*. A impressão diferente é causada pelo fato de que o som, de acordo com sua característica predominante, associa-se com nosso *l*, ou nosso *r*, *n* ou *d*.

Outros exemplos são bastante comuns. A língua baixo chinuque tem um som que é prontamente percebido como um *b*, *m* ou *w*. Na verdade, é um som *b*, produzido por uma oclusão muito leve dos lábios com o nariz aberto, o ar passando suavemente tanto pela boca como pelo nariz e acompanhado por uma entonação fraca das cordas vocais. Esse som se associa com o nosso *b*, que é produzido por uma liberação moderadamente fraca dos lábios; com o nosso *m*, que resulta da passagem livre do ar pelo nariz com os lábios fechados; e com o nosso *w*, que resulta da passagem do ar pelos lábios, que estão quase fechados, acompanhado de fraca entonação das cordas vocais. A associação desse som com *w* é particularmente marcada quando ele aparece na combinação com a vogal *u*, que imita levemente o característico som *u* de nosso *w*. Ainda outro exemplo é o som *b*, que é produzido com o nariz meio fechado pelos índios do Estreito de Fuca, no estado

6 Ver nota 3.

de Washington. Nesse caso o traço característico do som é a semi-oclusão do nariz, semelhante ao efeito produzido por um resfriado na cabeça. Não menos comuns são os intermediários entre as vogais. Portanto, parece que achamos em um número de línguas indígenas uma vogal que é percebida como um *o*, algumas vezes como um *u* (pronúncia continental), e que é, na verdade, pronunciada em uma posição intermediária entre esses dois sons.

A precisão dessa interpretação da fonética indígena é talvez provada pelo fato de que pesquisadores pertencentes a diferentes nacionalidades percebem os sons prontamente de acordo com o sistema de sons com os quais eles estão familiarizados. Frequentemente não é difícil reconhecer a nacionalidade daquele que registra através do sistema selecionado por ele para a produção de sons.

Ainda outra prova da precisão dessa visão da fonética indígena está fundamentada no fato de que, onde quer que haja um grande número de sons indígenas de uma classe representada por um único som em inglês, nossos próprios sons são mal interpretados de modo semelhante. Por exemplo, os índios da costa do Pacífico Norte têm uma série de sons *l*, que podem ser aproximadamente comparados aos nossos sons *tl*, *cl*, *gl*. Consequentemente, uma palavra como *close* é ouvida algumas vezes pelos índios de um modo e algumas vezes de outro; o nosso *cl* é um som intermediário para eles, do mesmo modo que alguns sons indígenas são sons intermediários para os nossos ouvidos. A alternância dos sons é claramente um efeito de percepção que se dá por meio de um sistema fonético estrangeiro, não aquele de uma maior variedade de pronúncia, mas aquele que é característico de nossos próprios sons.

Enquanto o sistema fonético de cada língua é limitado e fixo, os sons selecionados em tipos diferentes de línguas mostram grandes diferenças, e parece necessário comparar grupos de línguas a partir do ponto de vista dos seus elementos fonéticos constituintes.

Breve descrição da fonética

Não é possível fazer uma discussão completa desse assunto neste artigo; mas parece necessária uma descrição concisa das características dos sons articulados e de sua representação por meio de símbolos.

Todos os sons articulados são produzidos pelas vibrações dos órgãos articuladores, que são colocados em movimento pela respiração. Na maioria dos casos, a liberação do ar causa as vibrações, enquanto em algumas línguas, como as da África do Sul, o ar, quando inspirado, é usado para produzir o som.

Um grupo de sons é produzido pela vibração das cordas vocais e é caracterizado pela forma dada às cavidades da boca e do nariz. Essas são as vogais. Quando o nariz está fechado, temos vogais puras; quando a parte posterior do nariz está mais ou menos aberta, temos vogais mais ou menos nasalizadas. O caráter da vogal depende da forma dada à cavidade oral. O timbre das vogais muda de acordo com o grau ao qual a laringe é elevada; a epiglote é abaixada ou elevada; a língua é retraída ou trazida para frente e a sua parte de trás é arredondada ou achatada; e os lábios são arredondados e trazidos para frente, ou uma abertura alongada da boca é produzida pela retração dos cantos da boca. Com os lábios abertos e a língua e a faringe em repouso, mas com o palato mole (*velum*) erguido, temos a vogal pura *a*, semelhante ao *a* em *father*. A partir desse som as vogais variam em duas direções principais. O som extremo é *u* (como *oo* no inglês *fool*). Com uma pequena abertura arredondada dos lábios salientes, a língua retraída e a abertura arredondada entre a língua e o palato, e uma grande abertura entre a laringe e a faringe, a laringe ainda quase em repouso. Os sons transacionais passam pelo som *â* (*aw* no inglês *law*) e *o* (como em *most*), mas a variedade de posições intermediárias é contínua. Em outra direção as vogais passam de *a* através do *e* (*a* no inglês *mane*) para o *i* (*ee* em *fleet*). O *i* é pronunciado com retração extrema dos cantos da boca e abertura alongada dos lábios com uma abertura muito estreita e achatada entre a língua e o palato, e a parte posterior da língua sendo trazida para frente para que haja uma abertura ampla na parte de trás da boca enquanto a laringe é elevada ao mesmo tempo.

Variações de vogais podem ser produzidas por um grupo de movimentos de órgãos articuladores. Portanto, quando os lábios estão na posição *i*, a língua, a faringe e laringe na posição *u*, temos o som *ü*, que está relacionado com o *a* por uma série passando pelo *ö*. Esses sons são semelhantes ao trema alemão.

Há outras combinações de posições da língua e dos lábios, embora as descritas aqui correspondam aos sons vocálicos mais frequentes. Todas as vogais podem enfraquecer com a força da articulação e diminuir até se tornarem uma leve entonação das cordas vocais, embora retenham o timbre peculiar das vogais, o que depende da posição da língua, do nariz e dos lábios. Quando essa articulação fica muito fraca, todas as vogais tendem a se tornar muito semelhantes em suas características, ou podem ser influenciadas no seu timbre pelas consoantes vizinhas, como será descrito adiante.

Todos os sons produzidos pela vibração de qualquer parte dos órgãos articuladores, exceto pelas cordas vocais, são consoantes. Essas vibrações podem ser produzidas ou pelo fechamento total das passagens de ar e depois por uma abertura repentina, ou pelo estreitamento ou restrição em algum ponto. As séries anteriores de sons são chamadas de

“oclusivas” (como o nosso *p, t, k*). Nesses sons há um fechamento total antes de o ar ser expelido. As séries seguintes são chamadas de “fricativas” ou “contínuas”, “constritivas” (como o nosso *s e f*), no qual há um contínuo escape de ar.⁷ Quando há uma parada seguida por um fluxo de ar passando por um estreitamento em algum ponto, os sons se produzem como o nosso *ts*. Esses sons são chamados de “africados”. Quando a boca fica totalmente parada e o ar passa pelo nariz, o som é chamado “consoante nasal” (como nossos *m e n*). Pode também haver oclusão e abertura nasal. Uma série de paradas repetidas rapidamente, uma vibrante, é representado pelo nosso *r*. A característica do som depende majoritariamente das partes dos órgãos de articulação que produzem o fechamento ou a oclusão e dos lugares onde eles ocorrem. Fechamento ou oclusão podem ser feitos pelos lábios, lábios e língua, lábios e dentes, língua e dentes, língua e o palato duro, língua e o palato mole (velum), pelas cordas vocais e no nariz.

No quadro seguinte, são descritos somente os principais grupos de consoantes. Sons raros foram omitidos. De acordo com o que foi dito antes, reconhece-se que o número total de sons possíveis é infinitamente grande.

Oclusiva bilabial ----- *p*

Oclusivas linguo-palatais

Apical (dental, alveolar, pós-alveolar) ----- *t*

Cerebral (produzidas com a ponta da língua virada para trás) ----- *t*

Dorsal

Palatal anterior ----- *k*

Medial ----- *k*

Velar ----- *q*

Glotal (uma oclusão feita com as cordas vocais) ----- /^ε/

Nasal ----- *N*

⁷ N.T.: O termo utilizado em inglês pelo autor é “spirants”. O conceito de “fricativas” constitui um desenvolvimento posterior, mas não foi possível identificar o termo utilizado na época em português.

Quase todas essas paradas podem ser modificadas dando-se graus diferentes de acentuação ao fechamento. Em inglês há dois graus principais de acentuação, representados, por exemplo, pelo nosso *h* e *p* ou *d* e *t*. Em muitas línguas como, por exemplo, no Sioux e nas línguas da costa do Pacífico, há três graus de acentuação que podem ser prontamente diferenciados. A acentuação mais forte é chamada de “fortis” e é indicada pelo sinal / depois da consoante (*p!*, *t!*).

Quando esses sons não são acompanhados por nenhum tipo de vibração das cordas vocais, eles são chamados “surdos”.

É possível que mais de uma parada seja feita de uma vez. Então, é possível fechar ao mesmo tempo os lábios e a parte posterior da boca com a língua. Entretanto, esse tipo de combinação é raro; mas encontra-se frequentemente articulação das cordas vocais com paradas. Isso resulta nas consoantes sonoras ou sonantes. Em inglês, nota-se que quase sempre a articulação do som sonoro é menos acentuada que a articulação do som surdo; mas essa correlação não é necessária. Nas línguas americanas em particular, o mesmo grau de acentuação é usado nas sonoras e nas surdas, o que dificulta a distinção entre um som surdo e um sonoro para um ouvido europeu.

Uma terceira modificação das consoantes é causada pela força do ar acompanhando a liberação do fechamento. Num som como *t*, por exemplo, o som pode ser produzido ao fechar a boca, ao colocar a ponta da língua firmemente contra o palato, produzindo um leve aumento da pressão do ar atrás da língua e depois liberando o fechamento. Por outro lado, o som pode ser produzido ao causar o fechamento e combinar a liberação com a expiração de toda a respiração. Sons que são acompanhados pela respiração total podem ser chamados de “aspirados” e a aspiração é designada por ‘, o símbolo grego do *spiritus asper*. Essa respiração total pode seguir a parada ou pode começar antes de completar o fechamento. Com o aumento de intensidade do fechamento do fortis, combina-se o fechamento da glote da parte posterior da língua para que somente o ar que foi levado à cavidade vocal seja expelido.

No caso das consoantes sonoras, o vozeamento pode ou estar totalmente sincronizado com a consoante, podendo precedê-la levemente ou segui-la. Nos dois casos, pode-se ter a impressão de uma vogal excessivamente fraca precedente ou seguinte, cujo timbre dependerá essencialmente da consoante que a acompanha. Quando o timbre é muito indefinido, escrevemos a vogal *E*; quando ele é mais definido, escrevemos *A*, *I*, *O*, *U*, etc. Nos outros casos, quando a liberação do fechamento é feita sem a saída total do ar, e simplesmente comprimindo-se levemente o ar no espaço atrás do fechamento, é possível haver uma pausa entre a parada e o som seguinte da palavra. Esse hiato na palavra é

indicado por uma apóstrofe ('). É provável que quando há um hiato após uma vogal, isso se deva ao fechamento da glote.

Muitos dos fenômenos aqui descritos podem também ocorrer com as aspiradas e com as nasais, o que parece não diferir muito em relação à força; entretanto, a característica do ar liberado, do vozeamento e da interrupção mostram traços semelhantes àqueles observados entre as oclusivas.

Todas as oclusivas podem tornar-se nasais deixando-se o ar passar pelo nariz enquanto o fechamento continua. Dessa maneira, originam-se os nossos *m* e *n*. A abertura nasal pode diferir em largura e o estreitamento das narinas superiores pode produzir consoantes semi-nasalizadas.

Nos sons aspirados descritos anteriormente, a liberação do ar dá-se ao longo da linha do meio do palato. Há um número de sons nos quais o ar é liberado lateralmente. Eles são representados por nosso *l*. Eles também podem variar consideravelmente de acordo com o lugar e a forma da abertura através da qual o ar passa e a forma do fechamento da boca.

Parece que o timbre peculiar de algumas consoantes depende também da abertura oral. Esse parece ser particularmente o caso com relação aos sons *t* e *k*. Ao pronunciar-se os sons *t*, uma das características essenciais parece ser que a parte posterior da boca está aberta, enquanto a parte anterior da boca está preenchida pela língua. Na série de *k*, por outro lado, a parte posterior da boca está preenchida pela língua enquanto a parte anterior permanece aberta. Sons produzidos tanto com a parte posterior e a parte anterior da boca aberta partilham das características de ambas as séries de *k* e *t*.

Duas vogais mostram estreita semelhança com consoantes de série contínua. Elas são *i* e *u* devido ao fato de que no *i* há um estreitamento da posição da língua na parte anterior da boca, enquanto no *u* há um estreitamento da posição dos lábios. Como consequência, originam-se as semivogais *y* e *w*. O último som que deve ser mencionado é o som *h* de respiração livre, que, na sua forma mais característica, é produzido pela expiração do ar com todos os órgãos de articulação em repouso.

A série dos sons consonantais mais importantes encontra-se no quadro⁸ abaixo:

8 N.T.: Quadro reconstruído a partir do original. Infelizmente, no caso da consoante $\tilde{\eta}$ não foi possível posicionar os dois diacríticos sob a letra.

	Oclusivas.			Fricativas		Nasais.		Vibrante.	
	Sonor.	Surd.	Fortis.	Sonor.	Surd.	Sonor.	Surd.	Sonor.	Surd.
Bilabial.....	b	p	p!	v	f	m	ṃ		
Labio-dental....				v	f				
Linguo-labial....	d	t t	t!	ç	ç	n	ṅ		
Linguo-dental...	d		t!	ç	ç	n	ṅ		
Dental.....				i	c				
Lingual –									
Apical.....									
Cerebral....	d	t	t!	z	s	n	ṅ	r	ʀ
Dorsal –									
Medial....	g	k	k!	v	x	ñ	ṅ	r	ʀ
Velar.....	g	q	q!	y	x	ñ	ṅ	r	R
Lateral....	L	L	L!	l	l				
Glottal.....	ε								
Nasal.....	N								

O tom vocálico das consoantes é expresso por vogais superiores seguindo-os: ^{a e i o u}. A série de africadas que começa com uma parada e termina com um som contínuo foi omitida desse quadro.

Nota-se que no quadro acima os mesmos símbolos são usados em diversas colunas. Isso é feito porque somente uma ou, no máximo, duas séries desses grupos ocorrem em uma língua, e para que essas diferenças possam ser expressas em cada caso por marcas diacríticas. Outras tentativas foram feitas por outros autores para apresentar um sistema geral de representação sonora. Para qualquer língua em particular, esses podem tornar-se difíceis para a compreensão e, portanto, não são usados nas tabelas inseridas neste volume.

Inconsciência dos elementos fonéticos

Nas páginas anteriores discutimos brevemente os resultados de uma análise dos elementos fonéticos da fala humana. Entretanto, é importante lembrar que um único som por si só não tem existência independente, ele não entra na consciência do falante, mas ele só existe como uma parte de um complexo sonoro que expressa um significado definido. Isso será facilmente reconhecido se levarmos em consideração as formas gramaticais na língua inglesa na qual a modificação de uma ideia é expressa por um único som. Na palavra *hills* a terminação *s* não adentra nossa consciência como um elemento separado com significado separado, expressando a ideia de pluralidade – com exceção talvez do fato

de que nosso treinamento gramatical nos ensinou que o plural pode ser formado pelo uso da terminação *s* –, mas a palavra forma uma unidade firme, que expressa o significado como um todo. A variedade de usos da terminação *s* como plural, possessivo, e terceira pessoa do singular do verbo, somada ao grande esforço necessário para reconhecer a identidade fonética desses elementos de terminação, podem ser usados como evidência extra do fato de que elementos fonéticos únicos tornam-se conscientes para nós somente como resultado de análise. A comparação de palavras que diferem por um único som como *mail* e *nail*, *snake* e *stake* demonstra que o isolamento dos sons é resultado de uma análise secundária.

Categorias Gramaticais

Diferenças nas Categorias de Diferentes Línguas

Em toda fala articulada, os grupos de sons que são enunciados servem para expressar ideias e cada grupo de sons tem um significado fixo. As línguas diferem não somente no caráter de seus elementos fonéticos constituintes e elementos sonoros, mas também no conjunto de ideias que encontra expressão nos grupos fonéticos fixos.

Limitação do Número de Grupos Fonéticos Expressando Ideias

O número total de combinações possíveis dos elementos fonéticos é também ilimitado; mas somente um número limitado é usado para expressar ideias. Isso implica que o número total de ideias que são expressas por grupos fonéticos distintos é numericamente limitado. Como há uma grande variedade de experiências pessoais que podem ser expressas pela língua, e todo o seu âmbito deve ser expresso por um número limitado de grupos fonéticos, é evidente que uma classificação de experiências deve ficar subjacente a toda a fala articulada.

Isso coincide com um traço fundamental do pensamento humano. Em nossa experiência real, nunca duas impressões sensoriais ou dois estados emocionais são idênticos. Entretanto, nós os classificamos, de acordo com suas semelhanças, em grupos mais amplos ou mais restritos cujos limites podem ser determinados a partir de uma variedade de pontos de vista. Apesar de suas diferenças individuais, reconhecemos em nossas experiências elementos comuns e nós os consideramos relacionados ou até os mesmos desde que um número suficiente de traços característicos pertença a ambos. Portanto, a limitação de um número de grupos fonéticos expressando ideias distintas é uma expressão do fato psicológico de que muitas experiências individuais diferentes aparecem para nós como representantes da mesma categoria de pensamento.

Esse traço do pensamento e da fala humanos pode ser comparado de certo modo à limitação de todas as séries de movimentos articulatórios possíveis pela seleção de um número limitado de movimentos habituais. Se o conjunto inteiro de conceitos, com todas as suas variantes, fosse expresso na língua por complexos sonoros totalmente heterogêneos e não relacionados, surgiria uma condição na qual ideias estreitamente relacionadas não mostrariam suas relações pela relação correspondente de seus símbolos fonéticos, e um número infinitamente grande de grupos fonéticos distintos seriam necessários para nossa expressão. Se esse fosse o caso, a associação entre uma ideia e o seu complexo sonoro representativo não seria suficientemente estável para ser reproduzida automaticamente sem reflexão em nenhum momento. Como o uso automático e rápido de articulações faz com que um número restrito de articulações, cada uma com variabilidade limitada, e um número limitado de conjuntos sonoros tenham sido selecionados a partir de uma grande variedade de possíveis articulações e encontros de articulações, então, o número infinitamente grande de ideias foi reduzido por classificação a um número menor, que por um uso constante estabeleceu associações precisas e que pode ser usado automaticamente.

Parece importante neste ponto de nossas considerações enfatizar o fato de que os grupos de ideias expressos por grupos fonéticos específicos mostram diferenças muito materiais em línguas diferentes e não se conformam de modo algum aos mesmos princípios de classificação. Tomando-se novamente o exemplo do inglês, percebemos que a ideia de WATER⁹ é expressa em uma grande variedade de formas: um termo serve para expressar água como um líquido, outro termo água designa uma grande extensão (LAKE¹⁰), em outros a água corre em um grande corpo ou em um pequeno corpo (RIVER ou BROOK¹¹), ainda outros termos descrevem água em forma de RAIN, DEW, WAVE, e FOAM¹². É perfeitamente compreensível que essa variedade de ideias, cada uma delas sendo expressa por um único termo independente em inglês, pode ser expressa em outras línguas por derivações do mesmo termo.

Outro exemplo desse mesmo tipo corresponde às palavras para NEVE em Esquimó. Aqui podemos achar a palavra *aput* que expressa NEVE NO CHÃO; outro termo, *qana*, designa NEVE CAINDO; um terceiro termo, *piqsirpoq*, NEVE SE MOVENDO LENTAMENTE; um quarto termo, *qimuqsuq*, UM MONTE DE NEVE.

Na mesma língua, a FOCA é expressa por uma variedade de termos em condições diferentes. Uma palavra equivale ao termo geral para FOCA; um segundo termo significa

9 N.T.: Em português: *água*.

10 N.T.: Em português: lago.

11 N.T.: Em português: rio e riacho.

12 N.T.: Em português: chuva, sereno, onda e espuma.

FOCA TOMANDO SOL; um terceiro refere-se à FOCA FLUTUANDO EM UMA PLACA DE GELO, sem mencionar as muitas palavras que designam focas machos ou fêmeas de diferentes idades.

Pode-se selecionar a língua Dakota para exemplificar o modo como os termos, expressos por meio de palavras independentes, são agrupados sob um mesmo conceito. Os termos *naxta'ha*, CHUTAR, *paxta'lca*, AMARRAR EM FEIXE, *yaxta'ka*, MORDER, *ic'a'xtaka*, ESTAR PERTO DE, *hoxta'lca*, SOCAR, são todos derivados do elemento comum *xtaka*, SEGURAR, que os mantêm relacionados enquanto palavras distintas que podem ser usadas para expressar várias ideias.

Parece bastante evidente que a seleção de termos tão simples deve até certo ponto depender dos principais interesses de um povo; e em casos em que é necessário distinguir certo fenômeno em diferentes aspectos e cada um desses aspectos desempenha uma função totalmente independente na vida do povo, muitas palavras independentes podem ser desenvolvidas, enquanto em outros casos modificações de um único termo podem ser suficientes.

Portanto, acontece que cada língua, do ponto de vista de outra língua, pode ser arbitrária em suas classificações – o que aparece como uma única ideia simples em uma língua pode ser caracterizada por uma série de grupos fonéticos distintos em outra.

A tendência de uma língua de expressar uma ideia complexa por um único termo foi denominada “holófrase”, e parece, portanto, que todas as línguas podem ser holofrásticas do ponto de vista de outra língua. A holófrase quase não pode ser considerada uma característica fundamental de línguas primitivas.

Já verificamos que em todas as línguas há algum modo de classificação de expressão. Essa classificação de ideias em grupos, cada uma expressa por um grupo fonético independente, torna necessário que conceitos que não são prontamente dados por um único som entre os complexos sonoros disponíveis devem ser expressos por combinações ou modificações que podem ser chamadas de grupos fonéticos elementares de acordo com as ideias elementares às quais a ideia específica é reduzida.

Essa classificação e a necessidade de expressar certas experiências por meio de outras relacionadas, as quais, ao limitar uma à outra, definem a ideia específica a ser expressa, implicam na presença de certos elementos formais que determinam as relações de grupos fonéticos únicos. Se cada ideia pudesse ser expressa por um único grupo fonético, línguas sem forma possivelmente existiriam. Entretanto, como as ideias devem ser expressas ao serem reduzidas a um número de ideias relacionadas, os tipos de relações tornam-se elementos importantes na fala articulada. Além disso, todas as línguas devem conter elementos formais e quanto maior o seu número, menor o número de grupos

fonéticos elementares que definem ideias específicas. Em uma língua que comanda grande vocabulário fixo, o número de elementos formais pode diminuir.

Processos Gramaticais

É importante notar que, nas línguas do mundo, o número de processos que são utilizados para expressar as relações dos termos é limitado. Presumivelmente, deve-se isso às características gerais da fala articulada. Os únicos métodos disponíveis para expressar as relações entre grupos fonéticos definidos são a sua composição em uma ordem definida, que pode ser combinada com a influência fonética mútua entre os elementos que a compõem, e a modificação interna dos próprios grupos fonéticos. Ambos os métodos são encontrados em muitas línguas, mas algumas vezes somente o método de composição ocorre.

Palavras e Sentenças

Para compreender a importância das ideias expressas por grupos fonéticos independentes e dos elementos que expressam as suas relações mútuas, temos que discutir aqui a seguinte pergunta: o que forma a unidade da fala? Já foi apontado anteriormente que os elementos fonéticos como tais podem ser isolados somente para análise e eles ocorrem na fala apenas em combinações que são equivalentes a conceitos definidos.

Como toda a fala visa a servir à comunicação de ideias, a unidade natural da expressão é a sentença, isto é, um grupo de sons articulados que expressam uma ideia completa. Parece que a fala pode ser prontamente subdividida e que a palavra também forma uma unidade natural a partir da qual a sentença é construída. Entretanto, na maioria dos casos, é fácil demonstrar que esse não é o caso, e que a palavra como tal é conhecida somente por meio de análise. Isso fica particularmente claro no caso de palavras como preposições, conjunções ou formas verbais que pertencem às orações subordinadas. Portanto, é excessivamente difícil imaginar o uso de palavras como *e*, *por*, *para*, *eram*, expressas de tal modo que elas transmitiriam uma ideia clara, exceto talvez em formas como o lacônico *Se*, na qual todo o resto da sentença está implicada, e suficientemente indicada pelo *se*. Do mesmo modo, entretanto, nós, que somos treinados gramaticalmente, podemos usar um final simples para corrigir uma ideia anteriormente expressa. Consequentemente, a afirmação como *Ele canta lindamente* pode suscitar uma resposta: *cantou*; ou uma pessoa com inclinação lacônica pode observar em resposta à afirmação *Ele toca bem, tocou* (grifo nosso), que pode ser bem entendida por seus amigos. Está claro que, em todos esses casos, os elementos únicos são isolados da unidade completa da sentença por um processo secundário.

Parece menos clara a artificialidade da palavra como uma unidade nos casos em que a palavra parece designar um conceito que se sobressai aos outros. Esse é o caso, por exemplo, dos nomes; pode parecer que uma palavra como *pedra* é uma unidade natural. Entretanto, reconhece-se que a palavra *pedra* por si só transmite uma imagem objetiva, não uma ideia completa.

Portanto, somos levados à questão importante da relação da palavra com a sentença. Baseando nossas considerações em línguas que diferem fundamentalmente na forma, podemos definir a palavra como *um grupo fonético que, devido à sua permanência formal, clareza de significado e independência fonética, é prontamente separável de toda a sentença*. Essa definição obviamente contém um número considerável de elementos arbitrários, que podem nos induzir, de acordo com o ponto de vista geral adotado, a algumas vezes designar certa unidade como sendo uma palavra, algumas vezes a negar a sua existência independente. Veremos, mais à frente, na discussão sobre as línguas americanas, que somos muitas vezes confrontados com essa dificuldade prática, e que não é possível decidir com certeza objetiva se é justificável considerar certo grupo fonético como uma palavra independente ou como uma parte subordinada de uma palavra. No entanto, há certos elementos em nossa definição que parecem ser essenciais para a interpretação de um complexo sonoro como uma palavra independente. Menos importante do ponto de vista da forma gramatical, a independência fonética do elemento em questão é, do ponto de vista da fonética, entretanto, o mais fundamental. Foi anteriormente observado quão difícil é conceber a independência do *s* inglês, que expressa o plural, o possessivo, e a terceira pessoa do singular do verbo. Isso se deve em grande medida à fraqueza fonética desse elemento gramatical. Se a ideia de pluralidade fosse expressa por um elemento tão forte foneticamente quanto a palavra *many*¹³, a parte possessiva da palavra, por um elemento tão forte quanto a preposição *of*¹⁴, e a terceira pessoa do singular por um elemento como *he*¹⁵ – nós podemos, talvez, estar muito mais prontos para reconhecer o caráter desses elementos como palavras independentes, e nós realmente fazemos isso. Por exemplo: *stones, John's, loves*¹⁶ são palavras únicas, enquanto *many sheep, of stone, he went*¹⁷ são considerados duas palavras. Essas dificuldades são constantemente encontradas nas línguas americanas. Consequentemente, verificamos em uma língua como o Chinook que elementos modificadores são expressos por sons únicos que foneticamente formam grupos de sons que são pronunciados sem pausa. Para exemplificar, a palavra *aniā'lōt* – EU

13 N.T.: Em português: muitos.

14 N.T.: Em português: de.

15 N.T.: Em português: ele.

16 N.T.: Em português: pedras, de João, ama.

17 N.T.: Em português: muitos carneiros, de pedra, ele foi.

O DEI A ELA – pode ser analisada nos seguintes elementos: *a* (tempo), *n* EU, *i* ELE, *a* A ELA, *l* PARA, *ō* (direcional de afastamento), *t* DAR. Aqui, novamente, a fraqueza dos elementos componentes e sua estreita associação fonética não nos permite considerá-los palavras independentes; enquanto a expressão completa aparece como uma unidade firme.

Sempre que formos guiados somente por esse princípio, a limitação da unidade da palavra aparece excessivamente incerta devido à diferença na impressão da força fonética dos elementos componentes.

Algumas vezes certos elementos aparecem como sons fonéticos tão fracos que eles não podem ser considerados unidades independentes da sentença, enquanto formas estreitamente relacionadas, ou até as mesmas formas, em outras combinações, podem ganhar a força que lhes faltava em outros casos. Um exemplo desse tipo pode ser encontrado na língua kwakiutl¹⁸, na qual as muitas das formas pronominais aparecem como elementos fonéticos excessivamente fracos. A expressão ELE O ATACA COM ISSO é traduzida por *mîx ̣idEqs*, na qual os dois últimos elementos significam: *q* ele, *s* COM ISSO. Entretanto, quando substantivos são introduzidos nessa expressão para designar objeto e instrumento, o *q* assume a forma completa *xq*, e o *s* a forma completa *sq*, que podem ser escritas como palavras independentes análogas aos nossos artigos.

Tenho dúvidas se um pesquisador que registra o francês do mesmo modo como nós registramos as línguas americanas ágrafas estaria disposto a escrever os elementos pronominais que completam o verbo transitivo como elementos independentes, pelo menos não quando registram as formas indicativas de um verbo positivo. Ele pode ser levado a fazer isso ao descobrir sua liberdade de posição que aparece nas formas negativas e em algumas formas interrogativas.

A influência determinante da liberdade de posição de uma parte fixa foneticamente da sentença obriga-nos a incluí-la na definição da palavra.

Quando um grupo fonético aparece em uma variedade de posições na sentença, e sempre da mesma forma, sem modificações, ou pelo menos sem nenhuma modificação material, reconhecemos prontamente a sua individualidade e, em uma análise da língua, tendemos a considerá-lo como uma palavra separada. Notam-se plenamente essas condições somente nos casos em que o complexo sonoro em questão não apresenta nenhuma modificação.

Entretanto, modificações menores podem ocorrer particularmente no início ou no final, podendo elas serem desconsideradas devido ao seu menor significado

18 N.T.: Ver nota 3.

quando comparadas à permanência da palavra inteira. Esse é o caso, por exemplo, da língua dakota, na qual o som final de um grupo de palavras predominante, que tem um significado claramente definido, modificará automaticamente o primeiro som do grupo de palavras seguinte que tem as mesmas características de permanência. O contrário pode também acontecer. Pode-se dizer, com rigor, que se perde a linha de demarcação entre o que seria normalmente chamado de duas palavras nesse caso; mas a influência mútua das duas palavras relacionadas, em termos comparativos, é tão sutil que o conceito da individualidade da palavra supera sua relação orgânica.

Em outros casos, em que a relação orgânica se torna tão firme que nenhum dos dois elementos integrantes, ou pelo menos um deles, possivelmente nunca ocorrerá sem sinais marcando sua estreita relação, eles parecerão constituir uma unidade única. Como um exemplo dessa condição, pode-se mencionar a língua esquimó. Essa língua contém muitos elementos que são bastante claros em seu significado e fortes em seu caráter fonético, mas que, em sua posição, são tão limitados que sempre seguem outras partes definidas da sentença, que nunca podem formar o começo de um grupo fonético completo, e que o grupo fonético anterior perde sua forma fonética mais permanente quando esses elementos são adicionados a esse grupo fonético. Para exemplificar, *takuvoq* significa ELE VÊ; *takulerpoq* significa: ELE COMEÇA A VER. Na segunda forma, a ideia de ver está contida no elemento *taku-*, que por si só está incompleto. O elemento seguinte, *-ler*, não pode iniciar uma sentença e tem somente o significado de COMEÇANDO em relação ao grupo fonético anterior, cujo som final é, até certo ponto, determinado por ele. Por sua vez, ele requer um final que expressa, no exemplo selecionado, a terceira pessoa do singular, *-poq*; entretanto, a palavra que expressa a ideia de VENDENDO requer o final *-voq* para a mesma pessoa. Eles também não podem começar uma sentença e seus sons iniciais, *v* and *p*, são determinados unicamente pelos sons finais dos elementos anteriores. Portanto, pode-se notar que este grupo de complexos sonoros forma uma unidade firme, unida pela incompletude formal de cada parte e suas influências fonéticas profundas umas sobre as outras. Em uma língua na qual os elementos são tão fortemente ligados como no Esquimó, não deve haver a mínima dúvida quanto ao que constitui a palavra em nosso senso comum do termo. O mesmo acontece em muitos casos do Iroquês¹⁹, uma língua na qual predominam condições bastante semelhantes àsquelas do Esquimó. Pode-se dar um exemplo do dialeto Oneida. *Watgajjanegale*, A FLOR SE ABRE, consiste dos elementos formais *wa-*, *-t-*, e *-g-*, que têm um caráter temporal, modal e pronominal; a vogal *-a-*, que constitui a parte do radical *-jija*, FLOR, que nunca vem sozinho; e o radical *-negale*, ABRIR-SE, que não existe independentemente.

19 N.T.: Ver nota 3.

Em todos esses casos, os elementos possuem grande clareza de significado, mas a falta de constância da forma nos leva a considerá-los partes de uma palavra mais longa.

Em algumas línguas isso nos dá a impressão de um critério adequado para a separação das palavras, mas em outros casos algumas partes da sentença podem ser isoladas, enquanto as outras partes retêm sua forma independente. Nas línguas americanas isso acontece particularmente quando nomes entram no complexo verbal sem nenhuma modificação dos seus componentes. Esse é o caso da língua pawnee: *tã'tukt^uk*, EU O CORTEI PARA VOCÊ, e *rīks*, FLECHA, combinam-se em *tatũ'rīksk^ut*, EU CORTEI A TUA FLECHA. A estreita relação entre essas formas é ainda mais clara em casos em que modificações fonéticas profundas ocorrem. Então os elementos *ta-t-ru^εn* se combinam em *ta'hu^εn*, EU FAÇO (porque *tr* em uma palavra muda para *h*); e *ta-t-rīks-ru^εn* transforma-se em *tahīkst^εn*, EU FAÇO UMA FLECHA (porque *r* depois do *s* muda para *t*). Ao mesmo tempo *rīks* FLECHA ocorre como uma palavra independente.

Se seguirmos o princípio estabelecido nas observações anteriores, nota-se que o mesmo elemento pode aparecer uma vez como um substantivo independente e depois novamente como uma parte de uma palavra, cujo restante tem todas as características descritas anteriormente, e, por essa razão, não podemos considerá-lo um complexo de elementos independentes.

Pode surgir ambiguidade quanto à independência das partes da sentença ou quando, em seu significado, elas se tornam dependentes de outras partes da sentença, ou quando seu significado é tão vago e fraco em comparação às outras partes da sentença que somos levados a considerá-las partes subordinadas. Palavras desse tipo, quando foneticamente fortes, são consideradas geralmente partículas independentes. Por outro lado, quando elas são foneticamente fracas, elas são consideradas partes modificadoras de outras palavras. Encontra-se um bom exemplo desse tipo nos textos ponca, escritos pelo reverendo James Owen Dorsey²⁰, nos quais os mesmos elementos são frequentemente tratados como partículas independentes, enquanto em outros casos eles aparecem como partes subordinadas das palavras. Portanto, encontramos *céama*, ESSES, (p. 23, linha 17), mas *jábe amá*, O CASTOR (p. 553, linha 7).

O mesmo se aplica ao tratamento dado pelo Rev. S. R. Riggs à gramática do Sioux. Encontra-se nesse caso, por exemplo, o elemento *pi* sempre tratado como o final de uma palavra, provavelmente devido ao fato de que ele representa o plural, que nas línguas indo-europeias é quase sempre expresso por uma modificação da palavra à qual ele se aplica. Por outro lado, elementos como *kta* e *śni*, significando o futuro e a negação respectivamente,

20 Contributions to the North American Ethnology, VI (nota 1 do texto original de Boas).

são tratados como palavras independentes, embora apareçam exatamente na mesma forma do *pi* mencionado acima.

Outros exemplos desse tipo são os elementos modificadores em *tsimshian*²¹, uma língua em que inúmeros elementos adverbiais são expressos por grupos fonéticos moderadamente fracos que têm uma posição definida. Também parece totalmente arbitrário se esses grupos fonéticos são considerados palavras separadas ou se eles são combinados com expressões verbais formando uma única palavra. Nesses casos, a existência independente da palavra à qual tais partículas se juntam, sem nenhuma modificação, geralmente nos leva a considerar esses elementos como partículas independentes, desde que elas sejam foneticamente fortes. Entretanto, sempre que a expressão verbal a que elas se unem é modificada ou pela inserção desses elementos entre seus componentes, ou de algum outro modo, tendemos a considerá-los partes da palavra.

Parece importante discutir o conceito da palavra em relação ao todo da sentença, porque essa questão tem um papel importante no tratamento morfológico das línguas americanas.

Radical e Afixos

O tratamento analítico das línguas resulta na separação de um número de grupos diferentes de elementos da linguagem. Quando eles são organizados de acordo com suas funções, parece que certos elementos ocorrem em cada sentença. Eles são, por exemplo, as formas que indicam sujeito e predicado, ou, nas línguas europeias modernas, formas que indicam número, tempo e pessoa. Outros elementos, como termos que expressam ideias de demonstrativo, podem ou não ocorrer em uma sentença. Esses elementos e muitos outros são tratados em nossas gramáticas. De acordo com as características desses elementos, eles parecem modificar o conteúdo material da sentença: como, por exemplo, nas sentenças em inglês *he strikes me* e *I struck thee*, nas quais a ideia de bater em alguém aparece como o conteúdo da comunicação²². Entretanto, as ideias *he*, *present*, *him* e *I*, *past*, *thee*, aparecem como modificações²³.

É de fundamental importância notar que é arbitrária a separação das ideias contidas em uma sentença em conteúdos materiais e modificações formais, sendo supostamente estabelecida pela grande variedade de ideias que podem ser expressas do mesmo modo formal pelos mesmos elementos pronominais e tensivos. Em outras palavras, os conteúdos materiais da sentença podem ser representados por sujeitos e predicados

21 N.T.: Ver nota 3

22 N.T. Em português: *ele me atinge, eu te bati*.

23 N.T. Em português: *ele, presente, dele e eu, passado, te*.

expressando um número ilimitado de ideias, enquanto os elementos modificadores – neste caso, os pronomes e tempos verbais, compreendem, em termos comparativos, um número muito pequeno de ideias. Na discussão de uma língua, as partes que expressam os conteúdos materiais das sentenças aparecem como assunto da lexicografia; as partes que expressam as relações modificadoras aparecem como assunto da gramática. Em línguas indo-europeias modernas o número de ideias expressas por elementos subordinados é, na sua totalidade, limitado e, por essa razão, a linha divisória entre gramática e dicionário parece perfeitamente clara e bem definida. Em um sentido mais amplo, entretanto, todos os processos etimológicos e as composições de palavras devem ser considerados como partes da gramática; e, se os incluirmos, notamos que, até nas línguas indo-europeias, o número de ideias de classificação é bastante grande.

Nas línguas americanas a distinção entre gramática e lexicografia não é frequentemente clara porque há um grande número de elementos que entram em composições formais. É preciso explicar isso por meio de exemplos. Na língua *tsimshian*²⁴, encontramos um grande número de elementos adverbiais que não podem ser considerados totalmente independentes e que, sem dúvida, devem ser considerados elementos que modificam ideias verbais. Devido ao grande número desses elementos, o número total de verbos de movimento, comparativamente, parece ser limitado, embora o número total de verbos que podem ser combinados com essas ideias adverbiais é muito maior que o número total das próprias ideias adverbiais. Portanto, o número de advérbios parece ser fixo, enquanto o número de verbos parece ilimitado. Consequentemente, temos a impressão de que os primeiros são elementos modificadores e de que a sua discussão pertence à gramática da língua, enquanto os últimos são palavras e a sua discussão pertence à lexicografia da língua. O número desses elementos modificadores em *Esquimó* é ainda maior. A impressão de que a discussão desses elementos pertence à gramática da língua é reforçada pelo fato de que eles nunca podem ocupar uma posição inicial e de que eles não são colocados após uma palavra completa, mas são acrescentados a um elemento que, se pronunciado sozinho, não expressa nenhum sentido.

Agora, é importante notar que, em algumas línguas, o número de elementos modificadores pode aumentar tanto que poderia ficar difícil distinguir que elemento representa uma série de ideias limitada em número, e que elemento representa uma série quase ilimitada de palavras pertencente ao vocabulário. Isso acontece, por exemplo, nas línguas *algonquinas*²⁵, na qual vários elementos aparecem em conjunção em quase todos os verbos, cada um em uma posição definida, mas cada grupo é tão numeroso que seria

24 N.T.: Ver nota 3.

25 N.T.: Ver nota 3.

totalmente arbitrário designar um grupo como palavras modificadas pelo outro grupo, ou vice-versa.

A importância dessa consideração para nossa finalidade reside no fato de que isso ilustra a falta de definição dos termos *radical* e *afixos*. De acordo com a terminologia comum, afixos são elementos associados a raízes ou palavras que as modificam. Essa definição é perfeitamente aceitável desde que o número de ideias seja limitado. Entretanto, quando há um número excessivo de elementos modificadores, pode-se duvidar de qual dos dois é o modificador e qual é o modificado, e a determinação é totalmente arbitrária. Nas discussões seguintes, tentaram-se associar os termos prefixos, sufixos e afixos aos casos em que o número de ideias expressas por esses elementos é estritamente limitado. Em casos em que o número de elementos combinados é tão grande que eles não podem ser adequadamente classificados, esses termos não foram usados, mas os elementos foram tratados como coordenados.

Discussão sobre as Categorias Gramaticais

Baseando-se nas considerações feitas anteriormente, parece que, em uma discussão objetiva sobre línguas, três pontos devem ser considerados: primeiro, os elementos fonéticos constituintes da língua; segundo, os grupos de ideias expressas pelos grupos fonéticos; terceiro, os métodos de combinação e modificação dos grupos fonéticos.

Parece relevante discutir o segundo ponto mais detalhadamente antes de iniciar a descrição das características das línguas americanas.

Gramáticos que estudaram as línguas da Europa e da Ásia ocidental desenvolveram um sistema de categorias que tendemos a procurar em todas as línguas. Parece apropriado mostrar aqui até que ponto o sistema com o qual estamos familiarizados é característico somente de alguns grupos de línguas e até que ponto outros sistemas podem ser substituídos por ele. Aparentemente, é mais fácil ilustrar esse assunto discutindo primeiramente algumas das características do substantivo, pronome e verbo do indo-europeu e depois abordar os aspectos mais amplos desse assunto.

Categorias Nominais

Ao tratar do nome, estamos acostumados a procurar um número de categorias fundamentais. Na maioria das línguas indo-europeias, os substantivos são classificados de acordo com o gênero, são modificados por formas que expressam o singular e o plural e aparecem em combinações sintáticas como casos. Nenhum desses aspectos aparentemente fundamentais do nome são elementos necessários para a fala articulada.

Gênero

A história da língua inglesa mostra claramente que o gênero de um substantivo pode praticamente ser suprimido sem interferir na clareza da expressão. Enquanto ainda encontramos traços de gênero em inglês, praticamente todos os objetos inanimados passaram a pertencer a um único gênero. É interessante notar que, nas línguas do mundo, o gênero não é uma categoria fundamental e que os substantivos não podem ser divididos em classes, ou o critério de classificação pode ser completamente diferente. As línguas bantu da África classificam as palavras em muitos grupos distintos, mas o significado de muitos destes não é claro. As línguas algonquinas da América do Norte classificam os substantivos em animados e inanimados, sem, entretanto, aderir rigorosamente à classificação natural implícita nesses termos. Portanto, os animais pequenos podem ser classificados como inanimados, enquanto certas plantas podem aparecer como animados. Algumas das línguas siouanas classificam os substantivos por meio de artigos e fazem distinções rigorosas entre (seres) animados móveis e (seres) animados estáticos, inanimados longos, inanimados redondos, inanimados altos, e objetos coletivos inanimados. Os iroqueses distinguem rigorosamente entre nomes que designam homens e outros substantivos. Os últimos podem ser subdivididos em um grupo definido e indefinido. Os Uchee distinguem entre os membros da tribo e outros seres humanos. Na América, em geral é raro encontrar-se o gênero verdadeiro. Talvez ele seja encontrado entre algumas línguas do baixo Mississipi, ocorrendo também, da mesma maneira que em muitas línguas indo-européias, no Chinuque do rio Colúmbia e, de um modo mais limitado, entre algumas línguas do estado de Washington e da Colúmbia Britânica. Entre as línguas norte-americanas, não há traços de classificação dos nomes nas línguas dos Esquimó e dos Athapascan²⁶. Os exemplos dados aqui mostram claramente que o princípio do sexo, que orienta a classificação dos substantivos nas línguas europeias, é meramente uma das muitas classificações possíveis desse tipo.

Plural

O plural dos substantivos indo-europeus revela um caráter um tanto quanto diferente. Como cada substantivo deve ser expresso ou como singular ou como plural para transmitir-se a ideia claramente, pode parecer que essa classificação é quase indispensável. Entretanto, não é difícil mostrar, por meio de sentenças, que, mesmo em inglês, a distinção nem sempre é feita. Por exemplo, na sentença *The wolf has devoured the sheep*²⁷, não está claro se a sentença se refere a um único carneiro ou a uma pluralidade de

26 N.T.: Ver nota 3.

27 N.T.: Em português: *O lobo devorou o carneiro.*

carneiros. Entretanto, isso não pode ser interpretado como uma inconveniência porque ou o contexto mostraria se a ideia é singular ou plural ou um adjetivo adicional daria a informação desejada.

Enquanto, de acordo com a estrutura de nossas línguas europeias, temos a tendência de procurar a ideia de singularidade ou pluralidade para alcançar clareza de expressão, há outras línguas que são completamente indiferentes a essa distinção. Um bom exemplo desse tipo é a língua kwakiutl. É totalmente indiferente para os Kwakiutl se eles dizem: *There is a house or There are houses*²⁸. A mesma forma é usada para expressar as duas ideias e as ideias de singularidade e pluralidade devem ser compreendidas ou a partir do contexto ou por meio do acréscimo de um adjetivo especial. Condições semelhantes prevalecem nas línguas athapaskan e em Haida²⁹. Também nas línguas siouanas a distinção entre singularidade e pluralidade é feita somente no caso de objetos animados. Parece que, no geral, as línguas americanas são um tanto quanto indiferentes à expressão clara da pluralidade, mas elas tendem a expressar de modo mais preciso as ideias de coletividade e distribuição. Portanto, os Kwakiutl, que são mais indiferentes à expressão de pluralidade, são muito exatos ao denotar se os objetos mencionados estão distribuídos aqui ou lá. Quando esse for o caso, a distribuição é cuidadosamente expressa. Do mesmo modo, quando se referem a peixes, eles expressam pelo mesmo termo um único peixe e uma quantidade de peixes. Entretanto, quando eles querem dizer que os peixes pertencem a espécies diferentes, é empregada uma forma distributiva expressando essa ideia. Pode-se observar uma indiferença semelhante à ideia de singular e plural em pronomes de várias línguas, o que será comentado adiante.

Por outro lado, a ideia de número pode ser mais enfatizada do que ela é nas línguas modernas da Europa. O dual, como no grego, ocorre em todo o mundo, mas também se distinguem um trialis e paucalis – expressões para *três* e *alguns*.

Caso

O que é verdadeiro para número, também se aplica a caso. Psicologicamente, a substituição de expressões preposicionadas por casos dificilmente representaria a ausência total do conceito de casos. Isso é encontrado nas línguas em que todo o grupo de relações dos substantivos de uma sentença é expresso no verbo. Quando, por exemplo, na língua chinuque³⁰ encontramos expressões como *ele dela isto corte, homem, mulher, faca*, significando *O homem corta a mulher com a faca*, podemos seguramente dizer que os próprios

28 N.T.: Em português: *Há uma casa ou Há casas*

29 N.T.: Ver nota 3.

30 N.T.: Ver nota 3.

substantivos aparecem sem nenhum traço de relação de caso, meramente como posições a um número de pronomes. É verdade que nesse caso a distinção é feita no pronome entre o sujeito e o objeto e que, nesse sentido, existem casos, embora não como casos nominais, mas como casos pronominais. Entretanto, a relação de casos está restrita às duas formas de sujeito e objeto, desde que os casos oblíquos são expressos por objetos pronominais, enquanto a característica de cada relação oblíqua específica é expressa por elementos adverbiais. Na mesma língua, a relação de genitivo é eliminada ao substituí-la por expressões possessivas como, por exemplo, *o homem, a casa dele* em vez de *a casa do homem*. Ainda que expressões de caso não sejam totalmente eliminadas, é considerável que em algumas línguas europeias seu número seja em grande parte reduzido.

Portanto, notamos que algumas de nossas categorias nominais ou não ocorrem, ou ocorrem somente em formas muito reduzidas. Por outro lado, devemos reconhecer que outras categorias novas, totalmente desconhecidas nas línguas europeias, podem ocorrer. Classificações como aquelas apresentadas antes – tais como animados e inanimados, ou de substantivos designando homens, e outros substantivos; e, além disso, de substantivos de acordo com a forma – são bastante estranhas para nós, embora ocorram classificações de forma na associação do verbo e do substantivo. Portanto, nós não dizemos *a tree is somewhere*³¹, *mas a tree stands*³², e não dizemos *the river is in New York*³³, *mas the river flows through New York*³⁴.

Tempo

Classes de tempo dos substantivos não são raras nas línguas americanas. Como podemos falar de *um futuro marido* ou do *nosso falecido amigo*, muitas línguas indígenas expressam em todos os nomes a sua existência no presente, passado ou futuro, e eles a requerem para a clareza de expressão assim como nós requeremos a distinção entre singular e plural.

Pronomes Pessoais

A mesma falta de conformidade nos princípios de classificação pode ser encontrada nos pronomes. Costumamos falar em três pessoas do pronome, que ocorrem tanto no singular como no plural. Embora façamos a distinção de gênero para a terceira pessoa do pronome, nós não concretizamos consistentemente esse princípio de classificação em

31 N.T.: Em português: *a árvore está em algum lugar*.

32 N.T.: Em português: *a árvore fica em pé*.

33 N.T.: Em português: *o rio fica em Nova Iorque*.

34 N.T.: Em português: *o rio corre através de Nova Iorque*.

outras pessoas. A primeira e a segunda pessoas e a terceira pessoa do plural têm a mesma forma para o masculino, o feminino e o neutro. Uma aplicação mais precisa do sistema do sexo é feita, por exemplo, na língua dos Hotentote da África do Sul, na qual o sexo é distinguido não só na terceira pessoa, mas também na primeira e na segunda pessoas.

Logicamente, nossas três pessoas do pronome são baseadas em dois conceitos de si mesmo e não-eu, sendo a segunda subdividida, de acordo com a necessidade do discurso, nos dois conceitos da pessoa a quem se fala e da pessoa de quem se fala. Quando, portanto, falamos da primeira pessoa do plural, nós logicamente englobamos o eu mesmo e a pessoa a quem se fala, ou o eu mesmo e a pessoa ou pessoas de quem se fala, ou, finalmente, o eu mesmo e a pessoa ou pessoas a quem se fala, e a pessoa e pessoas de quem se fala. É impossível a verdadeira primeira pessoa do plural, porque não pode haver mais que um eu. A imprecisão lógica é evitada em muitas línguas, nas quais uma distinção clara é feita entre as duas combinações do eu mesmo, a pessoa ou as pessoas a quem se fala, ou o eu mesmo e a pessoa ou pessoas de quem se fala. Não conheço nenhuma língua que expressa de forma separada a combinação das três pessoas, porque essa ideia prontamente se funde com a ideia do eu e das pessoas a quem se fala. Essas duas formas são geralmente designadas pelo termo um tanto impreciso da primeira pessoa do plural “inclusiva” e “exclusiva”, a qual significa a primeira pessoa do plural incluindo ou excluindo a pessoa a quem se fala. A segunda e a terceira pessoas formam plurais verdadeiros. Portanto, o princípio da divisão dos pronomes se concretiza em muitas línguas de modo mais preciso do que ela ocorre no grupo europeu.

Por outro lado, a falta de distinção clara entre o singular e o plural pode ser observada também em formas pronominais em várias línguas. Portanto, os Sioux³⁵ não fazem nenhuma distinção pronominal entre o singular e o plural da segunda pessoa, e somente uma distinção bastante imperfeita entre a terceira pessoa do singular e do plural. Entretanto, as primeiras pessoas do singular e do plural, de acordo com a diferença fundamental no seu significado, são precisamente distinguidas. Em alguns dialetos siouanos, pode-se dizer que o objeto pronominal tem somente a primeira pessoa do singular, a primeira pessoa do plural e a segunda pessoa, e não existe nenhum outro pronome para o objeto. Portanto, o sistema de pronomes pode ser reduzido a um mero fragmento do que normalmente encontramos.

35 N.T.: Para o etnônimo Sioux e língua desse povo, segue-se a grafia utilizada por José Carlos Pereira no livro BOAS, Franz. 2015. *Arte primitiva*. [tradução de José Carlos pereira]. Rio de Janeiro: Editora Vozes. Deve-se atentar que, no trabalho de Boas, Sioux é o nome de uma das línguas da família siouan. Atualmente, tomando como referência a plataforma Glottlog (Hammarström, Harald & Forkel, Robert & Haspelmath, Martin & Bank, Sebastian (org.). *Glottolog*. Disponível em: <https://glottolog.org/resource/languoid/id/dako1258>, Acesso em: 16/10/2022), Sioux é considerada uma subfamília da família linguística siouan, da qual fazem parte as línguas Dakota e Lakota.

Pronomes Demonstrativos

Em muitos casos, a analogia dos pronomes pessoais e dos pronomes demonstrativos é rígida: o pronome demonstrativo tem três pessoas do mesmo modo que o pronome pessoal. Assim os Kwakiutl dizem: *a casa próxima a mim* (esta casa), *a casa perto de ti* (aquela casa) e *a casa perto dele* (aquela casa).

Mas outros pontos de vista são adicionados ao princípio de divisão correspondente ao pronome pessoal. Portanto, o Kwakiutl e muitas outras línguas americanas adicionam ao conceito pronominal acima discutido o conceito da visibilidade e invisibilidade, enquanto os Chinuque acrescentam os conceitos de presente e passado. Talvez o desenvolvimento mais interessante da ideia demonstrativa seja encontrado entre os Esquimó, em cuja língua não somente ocorrem as ideias correspondentes aos três pronomes pessoais, mas também aquelas de posição no espaço em relação ao falante, sendo estas especificadas em sete direções: centro, acima, abaixo, na frente, atrás, direita, esquerda, havendo também àquelas que expressam os pontos cardeais em relação à posição do falante.

Deve-se ter em mente que as divisões mencionadas aqui são todas partes necessárias para a expressão clara nas línguas mencionadas. Por exemplo, na língua kwakiutl é inconcebível usar uma expressão como *nossa esta casa*, que significa em inglês *the single house away from the speaker*³⁶. Os Kwakiutl devem expressar essa ideia em uma das seis formas seguintes:

A casa (singular ou plural) visível perto de mim
invisível perto de mim
visível perto de você
invisível perto de você
visível perto dele
invisível perto dele

Enquanto os Esquimó expressariam um termo como *este homem* como:

Este homem perto de mim
perto de você
perto dele
atrás de mim
na minha frente
à minha direita
à minha esquerda
acima de mim
abaixo de mim, etc.

36 N.T.: em português: *a única casa longe do falante*.

Categorias Verbais

Podemos examinar diferenças semelhantes nos verbos. Nas nossas línguas indo-europeias existem expressões que significam pessoas, tempo, modos e vozes. As ideias representadas por esses grupos são desenvolvidas de modo bastante desigual em várias línguas. Em muitos casos, as formas que expressam as pessoas são expressas simplesmente por uma combinação do pronome pessoal e do verbo; em outros casos os complexos fonéticos expressando relações pessoais são desenvolvidos de um modo surpreendente. Então as línguas algonquina e esquimó possuem grupos fonéticos especiais que expressam relações definidas entre o sujeito e o objeto que ocorrem nos verbos transitivos. Por exemplo, em sentenças como *Eu te bato*, ou *Eles me batem*, a combinação dos pronomes *eu - te*, e *eles - me*, é expressa por equivalentes fonéticos especiais. Há casos em que os objetos indiretos *Eu o mando para você* podem ser expressos por uma única forma.

Um traço que caracteriza as formas mencionadas acima é que o pronome combinado não pode ser reduzido aos seus elementos constituintes, embora historicamente ele possa ter se originado das combinações de formas separadas. É obvio que em casos em que o desenvolvimento do pronome é tão fraco quanto nas línguas siouanas, às quais já me referi antes, a definição das formas pronominais do verbo, às quais estamos acostumados, fica totalmente perdida. Acontece que na língua Sioux o verbo por si só pode ser usado tanto para a ideia mais ou menos abstrata da ação verbal quanto para a terceira pessoa do indicativo.

Muito mais fundamentais são as diferenças existentes em relação aos tempos e modos. Estamos acostumados à formas verbais em que o tempo é sempre expresso com perfeita precisão. Na sentença *O homem está doente* expressamos realmente a ideia: *O homem definido está doente no momento presente*. A expressão precisa da relação de tempo da ocorrência não é usada em muitas línguas. Os Esquimó, por exemplo, ao expressar a mesma ideia, simplesmente dizem: *único homem doente*, não especificando se o homem estava doente antes, está doente no momento presente, ou vai ficar doente no futuro. Nesse caso, a condição é semelhante àquela descrita antes em relação à pluralidade. Os Esquimó podem, claro, expressar se o homem está doente no momento presente, estava doente, ou vai ficar doente, mas a forma gramatical das suas sentenças não exige a expressão da relação de tempo. Em outros casos as ideias de tempo podem ser expressas com mais minúcia do que encontramos em nossas gramáticas. Geralmente, as línguas que apresentam uma multiplicidade de tempos incluem na sua forma de expressão certas modificações do conceito de tempo que podem ser chamados de “semi-temporais”, como incoativas, que expressam o início de uma ação; durativos, que expressam o período de

tempo durante o qual a ação acontece; transacionais, que expressam a mudança de um estado de ser para outro; etc. Há pouca concordância em relação à ocorrência desses tempos, e as características de muitas línguas mostram que os tempos não são uma exigência para a expressão clara.

O que é verdadeiro em relação aos tempos também se aplica aos modos. Há um número considerável de línguas que têm somente um modo, ou no máximo o indicativo e o imperativo, embora, nesse caso, a ideia de subordinação também possa ser expressa se for desejado.

Os poucos exemplos que dei aqui demonstram que muitas das categorias que tendemos a considerar essenciais podem não existir em outras línguas, e que outras categorias podem substituí-las.

Interpretação das Categorias Gramaticais

Quando consideramos por um momento o que isso implica, reconhece-se que em cada língua somente uma parte do conceito completo que temos em nossa mente é expresso, e que cada língua tem uma tendência peculiar para selecionar este ou aquele aspecto da imagem mental que é transmitida pela expressão do pensamento. Para usar novamente o exemplo mencionado antes: *The man is sick* (em português: *O homem está doente*), expressamos por meio dessa sentença, em inglês, a seguinte ideia: *um só homem específico no momento está doente*. Na língua kwakiutl essa sentença teria que ser traduzida por uma expressão que significaria, na forma mais vaga que se possa dar a ela, *homem definido perto dele invisível doente perto dele invisível*. Visibilidade e proximidade com a primeira ou segunda pessoa podem, claro, ser escolhidas em nosso exemplo em vez de invisibilidade e proximidade com a terceira pessoa. Uma expressão idiomática da sentença nessa língua seria, entretanto, muito mais precisa e exigiria uma expressão mais ou menos como a seguinte: *Aquele homem invisível está doente deitado no chão da casa ausente*. Por outro lado, em Esquimó, a mesma ideia seria expressa por uma forma como *(único) homem doente*, deixando a informação sobre lugar e tempo totalmente indefinida. Na língua ponca, um dos dialetos siouan, a mesma ideia exigiria perguntar se o homem está estático ou em movimento, podendo haver uma forma como *o único homem em movimento está doente*. Se levarmos em consideração outros traços da expressão idiomática, esse exemplo pode ser expandido ao se adicionarem as modalidades do verbo. Então, os Kwakiutl, cuja língua eu usei várias vezes como exemplo, exigiriam uma forma indicando se esse é um novo assunto introduzido na conversa ou não. Caso o próprio falante não tenha visto a pessoa doente, ele teria de expressar se ele sabe por ter ouvido falar que a pessoa está doente

ou por evidência, ou se ele sonhou. Entretanto, parece melhor não complicar a nossa discussão atual ao levar em consideração as possibilidades de uma expressão precisa que pode ser exigida nas formas idiomáticas do discurso, mas considerar somente aquelas partes da sentença que, de acordo com a morfologia da língua, devem ser expressas.

A partir dos exemplos dados aqui, concluímos que, em uma discussão sobre as características de várias línguas, podem se encontrar categorias fundamentais diferentes, e que, ao se compararem línguas diferentes, é necessário comparar não só as características fonéticas, mas também as características de vocabulário e as de conceitos gramaticais para dar a cada língua seu lugar apropriado.

3. Classificação das Línguas

Origem dos Dialeto

Em muitos casos a determinação da relação genética entre as línguas é perfeitamente simples. Onde quer que encontramos semelhanças próximas na fonética, no vocabulário e em detalhes gramaticais, não há a menor dúvida de que as línguas que estão sendo estudadas são variantes da mesma forma ancestral.

A diferenciação de uma única língua em um certo número de dialetos é, até certo ponto, espontânea. Quando a comunicação entre povos falantes da mesma língua cessa, peculiaridades de pronúncia se manifestam prontamente em uma região ou outra e elas podem se tornar permanentes. Em alguns casos essas manifestações de pronúncia podem aumentar gradualmente e podem tornar-se tão radicais que várias formas bastante diferentes da língua original se desenvolvem. Ao mesmo tempo, as palavras assumem prontamente um novo significado e, se a separação do povo for acompanhada por uma diferenciação de cultura, essas mudanças podem avançar em um ritmo muito rápido.

Em casos dessas mudanças fonéticas e modificações no significado das palavras, certo grau de regularidade pode ser observado e, por causa disso, pode-se estabelecer a relação histórica entre os novos dialetos e as formas mais antigas e compará-la às modificações que ocorreram em uma série de gerações de seres humanos.

Pode haver outra forma de modificação que é análoga às transformações biológicas. Temos que reconhecer que não se deve procurar a origem das línguas nas faculdades humanas que já foram uma vez ativas, mas que desapareceram. Na verdade, novos acréscimos são constantemente feitos aos recursos linguísticos e ao material linguístico. Tais acréscimos espontâneos podem ocorrer em um dos novos dialetos, embora não aconteçam em outro. Embora relacionados à estrutura da língua antiga, esses acréscimos

são completamente novos e, conseqüentemente, não podem ser diretamente relacionados à língua ancestral.

Deve-se levar em consideração que cada um desses dialetos pode incorporar novo material. Entretanto, em todos os casos em que o material antigo constitui a maior parte do material da língua, sua relação próxima à língua ancestral será prontamente reconhecida. Em todos esses casos, a fonética, detalhes da estrutura gramatical e o vocabulário demonstram semelhanças de longo alcance.

Comparação de Línguas Distintas

O problema é muito mais difícil quando as semelhanças em qualquer um desses traços se tornam menos visíveis. Com a maior abrangência de nosso conhecimento sobre as línguas primitivas, descobriu-se que não são raros os casos em que línguas faladas em certas áreas contínuas mostram diferenças radicais em vocabulário e formas gramaticais, mas semelhanças próximas nos seus elementos fonéticos. Em outros casos, a semelhança de elementos fonéticos pode ser menos visível, mas pode haver semelhança próxima em detalhes estruturais. Muitos pesquisadores indicaram analogias específicas em certas palavras sem serem capazes de mostrar que a forma gramatical e o caráter fonético geral coincidem. Podem ser dados muitos exemplos de tais condições. Na América, por exemplo, a semelhança fonética de línguas faladas entre a costa de Oregon e Monte St. Ellis é impressionante. Todas essas línguas são caracterizadas pela ocorrência de muitos sons *k* e sons *l* peculiares e pela tendência de articulação muito acentuada e, na maior parte dos casos, pela tendência ao agrupamento de consoantes. Conseqüentemente, para nossos ouvidos, essas línguas soam ásperas e duras. Apesar dessas semelhanças, as línguas dessa área têm formas gramaticais e vocabulários tão distintos que parece impossível que, nessa área, elas partilharem a mesma origem comum. Encontra-se um exemplo semelhante na África do Sul, onde os negros Bantu, Bosquímano³⁷ e Hotentote utilizam alguns sons peculiares que são produzidos por inspiração – inspiram a respiração, não a expelam –, sons que são comumente chamados de “clicks”. Apesar desse traço peculiar comum nas suas línguas, não há semelhança na gramática e quase nenhuma no vocabulário.

Podemos também dar como exemplo as línguas siouanas e iroquesas da América do Norte, dois ramos que vivem próximos e se caracterizam pela ocorrência de várias vogais nasalizadas. Podem-se mencionar também as características fonéticas das línguas

37 N.T.: Povo conhecido hoje pelo etnônimo “San”. Para o etnônimo Bosquímano, segue-se a grafia utilizada por José Carlos Pereira no livro BOAS, Franz. 2015. *Arte primitiva*. [tradução de José Carlos Pereira]. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

californianas, que soam agradáveis aos nossos ouvidos e contrastam fortemente com as línguas da costa do Pacífico Norte.

Deve-se dizer que, no geral, as características fonéticas de uma área restrita aparecem na sua forma mais pronunciada quando comparamos toda a região com áreas vizinhas. Elas formam uma unidade mais pelo contraste com fonéticas estrangeiras do que quando comparadas entre si mesmas, tendo cada língua suas próprias características particulares em um grupo desse tipo. Portanto, o Tlingit³⁸ da costa do Pacífico Norte difere muito do Chinuke do rio Colúmbia. Entretanto, quando as duas línguas são comparadas a uma língua do sul da Califórnia, o Sioux ou as línguas algonquinas, traços que são comuns às duas línguas aparecem até em um grau bastante evidente.

O que é verdadeiro para a fonética, também o é para a forma gramatical, e esse é evidentemente um traço característico das línguas de todo o mundo. Esses grupos podem ser prontamente reconhecidos especialmente na América do Norte. Uma discussão mais detalhada sobre esse problema será feita em outro lugar e é suficiente afirmar aqui que línguas como, por exemplo, as athapaskan, tlingit e haida, que são faladas em uma área contínua na costa noroeste do nosso continente, mostram certas características comuns quando comparadas a línguas vizinhas como as línguas esquimó, algonquinas e tsimshian. De modo semelhante, algumas línguas californianas, ou línguas do sul da Colúmbia Britânica, e línguas como o pawnee e o iroquês, formam um grupo caracterizado por certos traços que não são encontrados em outras línguas.

Em casos em que tais semelhanças morfológicas ocorrem sem uma semelhança correspondente no vocabulário, é difícil determinar se essas línguas podem ser consideradas descendentes de uma língua-mãe. Há numerosos casos que não podem ser avaliados porque, por um lado, é difícil identificar tais semelhanças, enquanto que, por outro lado, há diferenças radicais que não podem ser consideradas sem supor-se a introdução de um elemento totalmente externo.

Fenômenos semelhantes induziram P. W. Schmidt a considerar as línguas do Sudeste da Ásia³⁹ e da Malásia como relacionadas, e o mesmo problema foi discutido por Lepsius e, novamente, por Meinhoff, em referência à relação das línguas dos Hotentote a algumas línguas do leste africano e às línguas dos povos hamíticos do norte da África.

Surgem também dificuldades em casos em que um número considerável de palavras semelhantes é encontrado sem a correspondente semelhança das formas gramaticais,

38 N.T.: Ver nota 3.

39 N.T.: O autor utiliza o termo *Farther India* [a Índia longínqua], antiga forma de denominar a região do sudeste asiático.

tanto que podemos relutar ao combinar essas duas línguas, apesar de suas semelhanças de vocabulário.

A comparação de vocabulários apresenta dificuldades peculiares nas línguas americanas. Infelizmente, nosso conhecimento das línguas americanas é muito limitado e, em muitos casos, estamos restritos a um conjunto de algumas centenas de palavras, sem nenhuma informação sobre as formas gramaticais. Devido à forte tendência de muitas línguas americanas de formar palavras compostas ou derivações de vários tipos, é difícil reconhecer nesse tipo de vocabulário os elementos componentes das palavras, e frequentemente semelhanças acidentais podem se destacar. Mas, a partir de um conhecimento detalhado da língua, ficaria provado que elas não têm nenhuma importância.

Deixando de lado essa dificuldade prática, pode acontecer com frequência que, em línguas vizinhas, um mesmo termo seja usado para designar o mesmo objeto devido não à relação entre as línguas, mas ao fato de que a palavra pode ser uma palavra emprestada em várias delas. Como os vocabulários que são comumente coletados compreendem termos para objetos encontrados em uso comum, parece muito provável que haja entre elas um certo número de palavras emprestadas.

Mesmo quando o material disponível é mais completo e mais detalhadamente analisado, podem surgir dúvidas com relação ao significado de vocabulário com semelhanças aparentes.

Influências Mútuas das Línguas

Em todos esses casos a decisão final dependerá da resposta às seguintes perguntas: até que ponto línguas distintas podem influenciar umas às outras, e até que ponto uma língua, sem estar sujeita a influências externas, pode desviar-se de seu tipo parental? Embora pareça que não é hora ainda de responder definitivamente a essas perguntas, a evidência parece favorecer a existência de influências de longo alcance desse tipo.

Influências Fonéticas

Talvez isso seja mais evidente no caso da fonética. É inconcebível entender por que línguas faladas em áreas contínuas e totalmente distintas em vocabulário e em estrutura gramatical partilham as mesmas características fonéticas, a menos que consideremos que, por imitação, certas características podem ser disseminadas além de um único grupo linguístico. Embora eu não saiba que evidência histórica de tais ocorrências tenham sido encontradas, o fenômeno, como ocorre na África do Sul, entre os Bantu e os Hotentote, parece não admitir qualquer outra explicação. Até certo ponto, o mesmo se aplica entre outras línguas distintas, mas vizinhas.

Não se pode negar a possibilidade de transferência de sons. Entre os indígenas americanos, por exemplo – entre os quais casamentos entre indivíduos pertencentes a tribos diferentes são frequentes, mulheres escravas criam seus próprios filhos e os filhos dos seus donos e, devido ao pequeno número de indivíduos constituintes da tribo, não é raro haver indivíduos que dominam várias línguas distintas – há muita chance de que uma língua exerça sua influência fonética sobre outra. A adequação dessa explicação permanece e deve ser discutida em novos estudos históricos.

Influências Gramaticais

Também é provável a influência da sintaxe de uma língua sobre a outra e, até certo ponto, a influência da morfologia de uma língua sobre outra. O estudo das línguas europeias tem evidenciado claramente a profunda influência exercida pelo latim sobre a sintaxe de todas as línguas modernas europeias. Podemos também reconhecer como certas formas sintáticas de expressão ocorrem em línguas vizinhas no nosso continente americano. Para dar um exemplo desse tipo, verificamos que, na maioria das diferentes línguas da costa do Pacífico Norte, os comandos são dados de forma perifrástica: *Seria bom se você fizesse isso ou aquilo*; e em muitos casos essa forma perifrástica foi inteiramente substituída pelo imperativo comum. Portanto, pode ser que grupos de conceitos psicológicos que são expressos por meio de formas gramaticais podem ter se desenvolvido em uma língua sob a influência de outra. Se um dia admitirmos essa influência, é difícil dizer onde estaria o limite para as modificações causadas por esses processos.

Por outro lado, parece excessivamente difícil compreender por que os traços morfológicos mais fundamentais de uma língua desaparecem sob a influência de outra forma de pensamento expressa por língua diferente. Isso poderia significar que o maior número de formas gramaticais desapareceria e categorias inteiramente novas desenvolver-se-iam. Apesar de não se poder negar que modificações importantes desse tipo são possíveis, é necessária comprovação muito prudente em cada caso antes da aceitação de sua existência.

Não são raros casos de introdução de novos sufixos nas línguas europeias. Portanto, a terminação *-able* de palavras francesas foi adotado tão frequentemente em inglês que o próprio sufixo atingiu certa independência e podemos formar palavras como *eatable* ou mesmo *get-at-able*, nas quais o final, que era originalmente francês, é acrescentado à palavra inglesa. Do mesmo modo, a terminação verbal em francês *-ir*, combinada com o final do infinitivo alemão *-en*, é usada em muitas palavras alemãs como se fosse um final puramente alemão. Entretanto, eu não conheço nenhuma observação que apontaria para

uma modificação radical de traços morfológicos de uma língua através da influência de outra língua.

Influências Lexicográficas

Embora a influência fonética de línguas distintas umas sobre as outras e a modificação de traços morfológicos em línguas diferentes sejam ainda obscuras, o empréstimo de palavras é muito comum e algumas vezes alcança uma grande abrangência. O vocabulário do inglês é um ótimo exemplo da combinação ampla de vocabulários de línguas bastante distintas, e é instrutivo entender o modo como se chegou a isso. Além de adotar grande parte do vocabulário dos conquistadores normandos, os Anglo-Saxões assumiram alguns termos da língua celta antiga, e adotaram algumas palavras dos invasores normandos. Entretanto, verificamos, mais tarde, introduções do latim e do grego que ocorreram através do progresso das artes e das ciências e foram filtradas das classes educadas para as classes sem educação formal. Além disso, numerosos termos foram adotados de povos menos civilizados com os quais falantes de inglês entraram em contato em diferentes partes do mundo. Como consequência, o australiano e o inglês-indiano adotaram muitos termos nativos e um grande número deles tornou-se inglês coloquial e inglês moderno escrito. Esse fenômeno é tão comum e os processos pelos quais novas palavras entram em uma língua são tão óbvios que não há necessidade de uma discussão mais detalhada. Outro exemplo que pode ser mencionado aqui é o da língua turca, que adotou um grande número de palavras árabes.

Nesse processo de transferência de uma língua para outra, as palavras passam, certamente, por mudanças importantes. Deve-se isso, parcialmente, às dificuldades fonéticas que consistem na adaptação de grupos de sons desconhecidos para os sons semelhantes e conhecidos da língua pela qual a palavra foi adotada. Pode haver assimilações pelas quais a forma gramatical da palavra se torna semelhante a formas mais conhecidas. Além disso, mudanças no significado da palavra são comuns e novas derivações podem se formar a partir da palavra após ela se tornar totalmente conhecida, como outras palavras nativas.

Nesse aspecto, algumas línguas americanas parecem comportar-se de maneira curiosa quando comparadas com línguas europeias. O empréstimo de palavras na Europa é particularmente comum quando um novo objeto é introduzido pela primeira vez. Em quase todos os casos a designação estrangeira é adotada com modificações fonéticas mais ou menos fundamentais. Exemplos desse tipo são as palavras *tobacco*,

*canoe, maize, chocolate*⁴⁰ – para ilustrar alguns empréstimos de palavras de línguas americanas. Por outro lado, os nativos americanos nem sempre adotam palavras dessa maneira, mas é mais comum inventarem palavras descritivas pelas quais o novo objeto é designado. Portanto, os Tsimshian da Colúmbia Britânica designavam arroz por um termo que significava *parecendo larvas*. Os Kwakiutl chamam um barco a vapor de *fogo nas costas movendo-se na água*. Os Esquimó chamam tabaco cortado de *sendo assoprado sobre*. Palavras desse tipo são amplamente usadas, embora o empréstimo de palavras do inglês não seja raro. Os termos *biscuit, dollar, coffee, tea*⁴¹ são encontrados em muitas línguas indígenas. Provavelmente a razão pela qual as palavras descritivas são mais comuns em línguas americanas do que em línguas europeias está na ocorrência frequente de substantivos descritivos.

Concluimos, portanto, que existem dois conjuntos de fenômenos que devem ser considerados na classificação das línguas: (1) diferenças que podem ser facilmente comprovadas como sendo derivadas de modificações de uma única língua ancestral; e (2) semelhanças que não podem ser explicadas, devendo-se, algumas delas, aos efeitos de mistura.

Origem das semelhanças: por Disseminação ou por Desenvolvimento Paralelo

Antes de continuarmos com esta consideração, devemos discutir as duas possibilidades lógicas de tais semelhanças. Uma possibilidade é a de que tais semelhanças se deva à disseminação de uma fonte comum. Nesse caso, elas se originaram uma única vez e foram difundidas pela influência de um povo sobre outro. Outra possibilidade é a de que elas tiveram origem independente em muitas partes do mundo.

Essa alternativa está presente na explicação de todos os fenômenos étnicos e é uma das questões fundamentais em relação a que aspectos o etnólogo, assim como o pesquisador de línguas, deve ser claro. Em considerações mais antigas quanto à posição da raça americana entre as raças humanas, por exemplo, supunha-se que a ocorrência de fenômenos semelhantes entre os povos do Velho Mundo e os do Novo Mundo evidenciariam relação genética. É óbvio que esse método de provar relações pressupõe que, quaisquer que sejam as semelhanças, elas devem ter sido feitas pelo mesmo povo em diferentes partes do mundo e, portanto, podem ser consideradas prova de descendência comum. O método então aplicado não leva em consideração que haja possivelmente uma difusão gradual de elementos culturais de um povo para outro, e que haja fundamentalmente

40 N.T.: Em português: *tabaco, canoa, milho e chocolate*.

41 N.T.: Em português: *biscoito, dólar, café, chá*.

o desenvolvimento paralelo, mas independente, de fenômenos entre raças diferentes em partes remotas do mundo. Desde que tal desenvolvimento é logicamente possível, provas de relação genética não devem basear-se apenas na ocorrência de semelhanças esporádicas.

Pode-se somente chegar a uma decisão final sobre esse problema difícil por meio de evidência histórica, que quase nunca está disponível e, por causa disso, o tratamento sistemático da questão deve ser feito com muito cuidado.

São numerosos os casos em que semelhanças isoladas de fenômenos étnicos em partes remotas do mundo foram registradas, e muitas delas são de tal ordem que a transmissão não pode ser provada de maneira alguma. Se, por exemplo, os indígenas da América do Sul usam instrumentos musicais sagrados, que não podem ser vistos por mulheres, e se, aparentemente, o mesmo costume predomina entre os aborígenes australianos, é inadmissível pressupor-se que o mesmo costume ocorra em dois lugares remotos devido à transmissão. É perfeitamente compreensível que o costume possa ter se desenvolvido independentemente em cada continente. Por outro lado, há muitos casos em que certos costumes complexos e peculiares são distribuídos por grandes áreas contínuas onde é plausível a transmissão por grandes partes dessas mesmas áreas. Nesse caso, ainda que a origem independente tenha ocorrido em partes diferentes da região em questão, a distribuição atual é totalmente explicada pela suposição de disseminação estendida.

Isso se aplica, por exemplo, no caso de tradições semelhantes que são distribuídas por vastas regiões. Um exemplo disso é a história de duas meninas que viram no céu duas estrelas, uma brilhante e uma pequena, e desejaram que essas estrelas fossem seus maridos. Na manhã seguinte elas se encontravam no céu, casadas com as estrelas; e mais tarde tentaram retornar para a terra, tentando passar por um buraco no céu. Essa lenda bastante complexa acha-se distribuída pelo continente americano em uma área que se estende da Nova Escócia até a foz do rio Mississipi, a oeste das Montanhas Rochosas, e em lugares até mesmo no Oceano Pacífico, por exemplo, no Alasca e no estado de Washington. É difícil supor, em um caso como esse, a possibilidade de uma invenção independente da lenda em pontos distintos; mas se deve pressupor que, depois da lenda ter chegado à sua forma atual, ela tenha se espalhado por disseminação por toda a parte do continente onde ela é encontrada atualmente.

Em casos extremos, as conclusões tiradas desses dois tipos de explicação parecem impossíveis de ser contestadas; mas há naturalmente um grande número de outros casos em que o fenômeno em questão não é suficientemente complexo ou distribuído sobre uma área suficientemente grande e contínua, para chegar-se com certeza à conclusão

de uma origem por disseminação. Há outros casos em que pode ter havido distribuições esporádicas curiosamente organizadas e em que possa ter havido possibilidades vagas de contato. Portanto, acontece frequentemente que não se possa chegar a uma conclusão satisfatória.

Devemos também levar em consideração que em muitos casos pode ter havido uma distribuição contínua, que pode ter sido descontinuada devido ao desaparecimento dos fenômenos em questão em regiões intermediárias. Entretanto, se quisermos seguir um método seguro, não podemos admitir tais causas para a distribuição esporádica, a menos que elas possam ser definitivamente provadas por outra evidência. Do contrário, abre-se caminho para tentativas de se colocar em contato praticamente todas as partes do mundo umas com as outras.

A ocorrência geral de fenômenos étnicos semelhantes em partes distantes do mundo admite também a explicação da existência de certo número de costumes e hábitos que eram comuns para grande parte da humanidade num período inicial e que se mantiveram aqui e acolá até o momento presente. Não se pode negar que esse ponto de vista tem alguns elementos a seu favor. Entretanto, no estado atual de nosso conhecimento, é difícil dizer se seria possível prová-lo ou não.

Encontramos o mesmo problema fundamental em relação às semelhanças das línguas, que são muito vagas para serem consideradas provas de relação genética. É óbvio que elas existem. Temos não somente as características comuns de todas as línguas humanas, que foram discutidas no capítulo anterior, mas também outras semelhanças que devem ser consideradas aqui.

Influência do meio ambiente sobre a língua

É frequentemente sugerido que semelhanças entre línguas e costumes vizinhos podem ser explicadas pela influência do meio ambiente. A ideia principal nessa teoria é que a mente humana, sob a pressão de condições semelhantes, produzirá os mesmos resultados. Conseqüentemente, os membros de uma mesma raça nos mesmos ambientes produzirão, por exemplo, na sua fala articulada, o mesmo tipo de fonética, diferenciando-se talvez em detalhes de acordo com as variações do meio ambiente, mas fundamentalmente a mesma fonética em suas características essenciais. Portanto, afirma-se que o clima com névoa e tempestades da costa do Pacífico Norte causava uma condição catarral crônica entre os habitantes, devendo-se a essa condição a pronúncia gutural e a aspereza de suas línguas. Por outro lado, a amenidade do clima da Califórnia seria responsável pelo caráter eufônico das línguas daquela região.

Não acredito que pesquisas detalhadas em qualquer parte do mundo poderiam embasar essa teoria. Devemos exigir prova de que a mesma língua, quando distribuída por regiões de climas diferentes, deve produzir o mesmo tipo de modificações que aquelas aqui exemplificadas. Podemos também exigir que, onde quer que haja climas semelhantes, deve haver, pelo menos, semelhanças próximas na fonética das línguas. Seria difícil provar que esse é o caso, mesmo se aceitarmos a desculpa de que influências modificadoras tenham encoberto a semelhança original do caráter fonético.

Tomando-se, por exemplo, as pessoas do Ártico do Velho e do Novo Mundo como uma unidade, encontram-se traços fundamentalmente diferentes na fonética dos Esquimó, dos Chukchee do leste da Sibéria, e de outros povos do Ártico asiático e europeu. As fonéticas dos desertos da Ásia e da África do sul e do sudoeste da América do Norte não se assemelham de forma alguma. As tribos das pradarias da América do Norte, embora tenham quase o mesmo clima em uma área considerável, mostram diferenças marcantes nas fonéticas de suas línguas. Por outro lado, as tribos pertencentes à família Salish, que vivem ao leste das Montanhas Rochosas, no interior da Colúmbia Britânica, falam uma língua que não é menos áspera que aquela de seus congêneres na costa norte do estado de Washington. Em qualquer tentativa de associar-se fonética e clima, haveria tantas discrepâncias que, para se tentar desenvolver a teoria, seria necessário explicar as exceções em vez dos exemplos que embasariam sua exatidão.

O que se aplica à fonética, também pode ser aplicado para a morfologia e para o vocabulário. Nunca achei que tenha alguma vez sido afirmado que palavras semelhantes tenham necessariamente se originado sob a pressão das mesmas condições embora, se admitirmos a exatidão do princípio, não haja razão para fazermos exceção em relação ao vocabulário.

Acredito que essa teoria pode ser menos embasada no campo da linguística do que no campo da etnologia. É certamente verdade que cada povo se adapta até certo ponto a seus ambientes, e que eles podem tirar o melhor proveito dos seus ambientes de acordo com as características fundamentais de sua cultura, mas não acredito que, em casos isolados, seja possível explicar que se deve a cultura de um povo à influência dos seus ambientes. É evidente que os Esquimó do Ártico setentrional da América não fazem uso extensivo da madeira, um material que é muito raro naquelas partes do mundo, e que os indígenas das florestas do Brasil não estão familiarizados com os usos que têm a neve. Podemos ainda ir mais além e reconhecer que, após a utilidade de certas substâncias, plantas e animais tenha sido reconhecida – como bambu nos trópicos ou cedro na costa do Pacífico Norte da América, marfim nas regiões árticas, ou ainda o búfalo nas planícies

da América do Norte –, eles encontrarão os mais variados usos e descobrirão numerosas invenções para expandir suas utilidades. Devemos reconhecer também que a distribuição de um produto de uma região, as dificuldades e facilidades de viagens, a necessidade de alcançar certos pontos, tudo isso pode influenciar profundamente os hábitos de um povo. Mas, com tudo isso, não se pode atribuir às condições geográficas mais que uma influência modificadora sobre as características fundamentais da cultura. Se isso não fosse verdade, os fatos peculiares de disseminação de invenções, de crenças, de hábitos e de outros fenômenos etnológicos não seriam compreensíveis.

Por exemplo, o uso de casas subterrâneas é disseminado na América e na Ásia, estendendo-se desde as partes nortes do planalto até às Grandes Planícies, indo também no Norte em direção à região ártica. Ao cruzar o estreito de Bering, elas são usadas ao longo da costa do Pacífico na Ásia e ao sul e norte do Japão, sem mencionar as residências subterrâneas da Europa e norte da África. O clima dessa região mostra diferenças consideráveis e não existe a necessidade climática de habitações subterrâneas em muitas partes da área onde elas ocorrem.

Em uma área semelhante, existe o costume de aumentar a elasticidade do arco cobrindo-o com o tendão. Ainda que esse procedimento seja importante nas regiões árticas, onde não existe madeira elástica, isso não é necessário nas partes mais ao sul das Montanhas Rochosas ou ao longo da costa leste da Ásia, onde há muitas variedades de madeira forte e elástica. Entretanto, tal foi a utilidade dessa invenção que ela parece ter tido aplicação generalizada em uma extensa região.

Podemos dar vários exemplos que ilustrariam o fato de que a adaptação de um povo aos seus ambientes não é de modo algum perfeita. Por exemplo, como podemos explicar o fato de que os Esquimó, apesar de sua inventividade, nunca pensaram em domesticar o caribu, enquanto os Chukchee tinham grandes manadas de renas? Por outro lado, por que os Chukchee, que são obrigados a viajar com suas manadas de renas, usam uma barraca tão pesada que é preciso uma fileira de trenós para movê-la, enquanto os esquimós reduziram tanto a estrutura de suas barracas que um só trenó pode ser usado para transportá-las para outros lugares?

Outros exemplos de um tipo semelhante são as diferenças entre as habitações das tribos Athapaskan no Ártico e as dos Esquimó. Apesar do rigor do clima, os primeiros vivem em barracas leves feitas de pele, enquanto os Esquimó conseguem proteger-se de modo eficaz contra os ventos fortes e as neves do inverno.

O que de fato parece acontecer nos movimentos dos povos é que um povo que se estabelece em um novo ambiente primeiramente se agarrará aos seus hábitos antigos,

modificando-os apenas na medida em que for necessário para viver confortavelmente. Entretanto, o conforto da vida fica geralmente para um segundo plano em relação à inércia e ao conservadorismo que impedem o povo de mudar hábitos já estabelecidos e tão rotineiros que são mais ou menos automáticos. Assim, uma mudança seria sentida como algo decididamente incomum.

Mesmo quando um povo permanece em um mesmo lugar, parece que as influências históricas são muito mais fortes que as influências geográficas. Sou inclinado, por exemplo, a explicar dessa mesma maneira as diferenças entre as culturas de tribos do Ártico asiático, do Ártico americano e as diferenças de hábitos das tribos dos planaltos no sul da América do Norte quando comparadas com aquelas dos planaltos do norte da América do Norte. Nas regiões do sul, pode-se notar a influência dos Pueblo, enquanto mais ao norte o tom essencial para a cultura do povo é dado pela cultura mais simples da bacia do Mackenzie.

Embora eu reconheça a importância das condições geográficas para a vida, não acredito que elas possam ocupar um lugar comparável ao lugar da cultura ou ao lugar da influência histórica exercida pelas culturas das tribos do entorno. Parece que quanto menos direta for a influência do ambiente, menos ela será usada como responsável por características etnológicas peculiares.

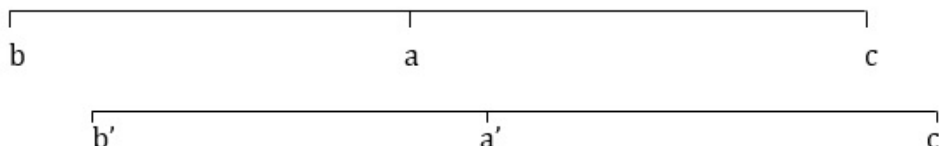
Em relação às línguas, a influência dos ambientes geográficos e do clima parece ser excessivamente remota. Enquanto não formos capazes de provar que todo o organismo de um homem e, com ele, seus órgãos articuladores, são diretamente influenciados pelo ambiente geográfico, não acho justificável considerar esse elemento como um traço essencial na formação ou modificação da fala humana, e muito menos como uma causa que possa ser usada como responsável pelas semelhanças da fala humana em áreas vizinhas.

Influência de Traços Psíquicos Comuns

Parece ser igualmente incerta a suposição de que traços psíquicos particulares são comuns para divisões geográficas da mesma raça. Afirma-se, por exemplo, que as línguas dos Athapaskan, Tlingit e Haida, antes considerados semelhantes em certos aspectos morfológicos fundamentais, são parecidas porque esses três povos têm algumas características psíquicas em comum que não são compartilhadas por outras tribos americanas.

Parece admissível assumir que há diferenças leves na estrutura psíquica entre grupos de uma mesma raça que são, no entanto, diferentes quanto ao seu tipo físico. Se pudermos provar, por meio de investigações anatômicas, que a forma corporal e, com ela, o sistema nervoso e o cérebro de parte de uma raça mostram diferenças de características

análogas a outra parte da raça, é justificável concluir que a diferenciação física pode ser acompanhada por diferenças psíquicas. Entretanto, deve-se levar em consideração que a extensão da diferença física é sempre excessivamente sutil e que, dentro dos limites de cada tipo geográfico, encontram-se grandes variações se comparadas às diferenças totais entre os integrantes comuns dos tipos. Para usar um diagrama:



Se a representa o ponto médio de um tipo e b e c seus extremos, a' a média de outro tipo e b' e c' seus extremos, e se esses tipos estão tão sobrepostos que os tipos na segunda série correspondem àqueles na primeira série posicionados verticalmente sobre eles, então é possível verificar que a maioria da população dos dois tipos coincidirá, enquanto somente os extremos serão mais frequentes em um grupo que em outro. Pode-se dizer que a diferença física não é uma diferença em tipo, mas uma diferença mais ou menos em grau, e acontece uma sobreposição considerável de tipos.

Se isso é verdade em relação ao tipo físico e se, além disso, infere-se a diferença nos tipos psíquicos somente a partir das diferenças dos tipos físicos observados, então devemos supor que o mesmo tipo de sobreposição acontecerá nos tipos psíquicos. As diferenças das quais estamos tratando podem, portanto, ser muito sutis, e quase não parece provável que essas diferenças sutis possam levar a resultados radicalmente diversos.

Na verdade, a prova, que foi dada antes, de que a mesma língua pode ser falada por tipos totalmente distintos, mostra claramente quão tênue pode ser o efeito da diferença no tipo anatômico sobre a língua no presente, e não há razão para presumir que isso tenha outrora sido maior. Analisando esse assunto a partir desse ponto de vista, as diferenças mentais hereditárias de vários grupos da humanidade, particularmente dentro da mesma raça, parecem ser tão sutis que seria difícil acreditar que elas sejam responsáveis pelas diferenças fundamentais nas características de línguas distintas.

Incerteza sobre a Definição de Famílias Linguísticas

Consequentemente, continua sem solução o problema de como interpretar as semelhanças entre línguas distintas em casos nos quais as semelhanças não são mais

suficientes para provar a relação genética. A partir do que já foi dito, podemos concluir que elementos independentes podem ser encontrados em várias divisões mesmo em línguas que podem ser facilmente consideradas geneticamente relacionadas. Tais elementos independentes devem-se, parcialmente, a novas tendências que se desenvolvem em um ou outro dialeto ou à influência estrangeira. Acredita-se que essas novas tendências e as influências estrangeiras podem atingir tal importância que a nova língua pode ainda ser considerada historicamente relacionada à família ancestral, mas, devido aos elementos que não são encontrados na língua ancestral, seus desvios se tornam tão importantes que não podem ser considerados um ramo da família mais antiga. Portanto, verifica-se que o conceito de família linguística não pode ser precisamente definido. Como foi apontado por Paul⁴², ainda que entre os dialetos de uma família linguística o material estrangeiro possa estar presente, as línguas não são descendentes de uma única família ancestral no sentido estrito do termo.

Conseqüentemente, todo o problema da classificação final das línguas em famílias linguísticas que são relacionadas provavelmente ficará aberto até que nosso conhecimento sobre os processos pelos quais línguas distintas são desenvolvidas se torne muito mais detalhado do que ele é atualmente. Sob essas circunstâncias, devemos buscar classificar as línguas americanas em famílias linguísticas para as quais podemos apresentar uma comprovação de relação que não possa ser contestada. Não podemos fazer nada além de dar certas classificações definidas nas quais as características comuns a certos grupos linguísticos são destacadas, embora a decisão quanto ao significado desses traços comuns deva ser deixada para mais tarde.

4. Linguística e Etnologia

Parece importante dizer algumas palavras sobre a função de pesquisas linguísticas no estudo da etnografia dos indígenas.

Necessidade Prática dos Estudos Linguísticos para Finalidades Etnológicas

Primeiramente, deve-se considerar o aspecto puramente prático dessa questão. Basicamente, o pesquisador que visita uma tribo indígena não é capaz de conversar com os próprios nativos e obter informação em primeira mão, mas ele é obrigado a confiar cada vez mais nas informações transmitidas pelos intérpretes, ou pelo menos na ajuda dos intérpretes. Ele pode fazer sua pergunta através de um intérprete e receber pela sua boca a resposta dada pelos indígenas. É óbvio que esse é um método insatisfatório,

42 Paul, *Prinzipien der Sprachgeschichte* (nota 2 do texto original de Boas).

mesmo quando os intérpretes são bons; mas, como geralmente os homens disponíveis não estão suficientemente familiarizados com a língua inglesa, ou eles não têm nenhuma consideração pelo ponto de vista dos indígenas e entendem que há tão pouca necessidade de precisão por parte do pesquisador, que a informação fornecida por eles só pode ser usada com um grau considerável de prudência.

Atualmente é possível ir a muitas partes da América sem intérpretes, por causa do jargão comercial que se desenvolveu em todos os lugares na interação entre os brancos e os indígenas. Entretanto, esses são também meios muito insatisfatórios para pesquisar os costumes dos nativos porque, em alguns casos, o vocabulário da língua comercial é extremamente limitado e é quase impossível transmitir informação relacionada à ideias religiosas e filosóficas ou a aspectos mais elevados da arte nativa, aspectos que têm uma função importante na vida indígena. Outra dificuldade que aparece quando o pesquisador trabalha com um intérprete particularmente inteligente é que ele absorve prontamente os pontos de vista do pesquisador e, conseqüentemente, sua informação fica fortemente tendenciosa, porque ele não é capaz de resistir à influência das teorias formativas como o pesquisador treinado deve ser.

Qualquer um que realizou trabalho com indígenas inteligentes se lembra de exemplos desse tipo, nos quais o intérprete pode ter formulado uma teoria baseada nas questões que foram feitas a ele e interpretou suas respostas sob a orientação de suas noções preconcebidas. Tudo isso é tão óbvio que quase não exige discussão aprofundada. Nossas necessidades se tornam particularmente aparentes quando comparamos os métodos esperados de qualquer pesquisador de culturas do Velho Mundo com aqueles do etnólogo que está estudando tribos primitivas. Ninguém esperaria relatos autoritários da civilização da China e do Japão de um homem que não fala as línguas fluentemente e que não domina a suas literaturas. Pressupõe-se que o estudante de antiguidade tenha um domínio completo das línguas antigas. Um estudante da vida maometana na Arábia e Turquia não seria considerado um pesquisador sério se todo seu conhecimento derivasse de relatos em segunda mão. Por outro lado, o etnólogo se compromete na maior parte dos casos em elucidar os pensamentos e sentimentos mais íntimos de um povo sem muito conhecimento da sua língua.

É verdade que o etnólogo americano é confrontado com uma séria dificuldade prática, porque, no estado atual da sociedade americana, muitos costumes e práticas desapareceram e o pesquisador é forçado a confiar em relatos sobre costumes de tempos anteriores emitidos pela boca de uma geração mais velha que, quando jovem, participava dessas práticas. Além disso, ele é confrontado com a dificuldade de haver um número

pequeno de pesquisadores treinados e haver um número excessivamente grande de línguas americanas que são mutuamente ininteligíveis, ultrapassando trezentas em número. É negada aos nossos etnólogos pesquisadores a oportunidade de passar períodos longos e contínuos com uma tribo em particular, o que torna quase insuperáveis as dificuldades práticas no aprendizado das línguas. Entretanto, devemos insistir que o domínio da língua seja um meio indispensável de obter conhecimento preciso e detalhado, porque se pode ganhar muita informação ouvindo-se as conversas dos nativos e participando da vida diária deles que, para o observador que não tem nenhum domínio da língua, continuará totalmente inacessível.

Nas condições atuais, deve-se admitir que esse objetivo ideal está totalmente além de nosso alcance. Entretanto, é possível que o etnógrafo obtenha conhecimento teórico das línguas nativas, o que permitirá que ele colete ao menos parte da informação que poderia ser obtida por um conhecimento prático da língua. Felizmente, dada a capacidade do pesquisador de ler sua língua, o indígena é facilmente levado a pensar que ele também é capaz de compreender o que ele lê. Portanto, ao anotar lendas ou outros registros na língua nativa e ao lê-las para os indígenas, o indígena sempre acredita que o leitor também compreende o que ele pronuncia porque é inconcebível para ele que uma pessoa possa enunciar livremente as sentenças em sua língua sem compreender seu significado claramente. Esse fato facilita o estágio inicial da informação etnográfica das línguas nativas, porque, no geral, os indígenas do norte querem registrar questões que são de supremo interesse para eles. Se o pesquisador for capaz de compreender por meio de uma análise rápida o significado do que é ditado para ele, mesmo sem ser capaz de expressar-se livremente na língua nativa, ele pode obter muita informação que, do contrário, seria impossível conseguir. Embora tudo isso seja um pouco improvisado, o pesquisador fica numa posição melhor do que ele estaria sem nenhum conhecimento da língua. Primeiramente, ele pode obter a informação em primeira mão dos indígenas, sem empregar um intérprete, que pode o enganar. Além disso, a variedade de assuntos sobre os quais ele pode coletar informação aumenta consideravelmente, porque os limites do conhecimento linguístico do intérprete e daqueles da língua comercial são eliminados. Portanto, parece que nas condições atuais somos mais ou menos forçados a depender de uma série extensa de textos como o meio mais seguro de obter informação dos indígenas. Uma revisão geral de nossa literatura etnográfica mostra claramente quão melhor é a informação obtida por pesquisadores que têm domínio da língua e que têm laços de amizade íntima com os nativos do que aquela conseguida por meio de intérpretes.

O melhor material que possuímos está talvez contido nos relatos ingênuos dos Esquimó, que eles mesmos escrevem e imprimem e distribuem como um jornal, que visa a informar as pessoas sobre todos os eventos de interesse. Eles costumavam apresentar muito material de conteúdo mitológico e muito desse material se relacionava ao modo de vida do povo. Outro material de caráter semelhante é fornecido pela grande coleção de textos dos Ponca, publicado pelo falecido James Owen Dorsey, embora muitos deles sejam influenciados pela mudança das condições sob as quais as pessoas vivem atualmente. Alguns registros antigos sobre os Iroqueses, escritos por membros proeminentes da tribo, também merecem atenção; e entre a literatura mais recente as descrições dos Sauk e Fox⁴³ por Dr. William Jones são marcantes devido à compreensão detalhada que o autor alcançou graças ao seu domínio da língua. Semelhantes em seu caráter, embora feitas inteiramente em inglês, são as observações de Mr. James Teit sobre os índios Thompson.

Em alguns casos foi possível interessar os nativos educados no estudo da sua própria tribo e induzi-los a escrever suas observações em sua própria língua. Essas também são muito superiores aos registros em inglês porque os nativos são geralmente limitados pela falta de domínio da língua estrangeira.

Embora em todos esses casos um pesquisador totalmente familiarizado com a língua indígena e com o inglês possa nos dar o resultado de seu estudo sem usar a língua nativa na sua publicação, isso é indispensável quando tentamos investigar problemas mais complexos de etnologia. Alguns exemplos mostrarão claramente o que isso significa. Quando surge a questão, por exemplo, de estudar a poesia dos indígenas, nenhuma tradução pode ser considerada uma substituição adequada para o original. A forma do ritmo, o tratamento da língua, a adequação do texto com a música, as imagens, o uso de metáforas, e todos os diversos problemas envolvidos em um estudo minucioso do estilo da poesia podem somente ser interpretados pelo pesquisador que tenha igual comando tanto dos aspectos etnográficos da tribo como de sua língua. O mesmo se aplica à pesquisa sobre os rituais com seus conjuntos de frases mais ou menos poéticas, ou no estudo de rezas e benzimentos. A oratória dos indígenas, um assunto que tem recebido muita atenção por parte dos etnólogos, não é adequadamente conhecido, porque poucos discursos foram transmitidos no original. Uma pesquisa precisa do método de composição e dos recursos usados para alcançar o efeito de oratória requer a preservação do discurso como foi transmitido na língua original.

Há também diversas outras características da vida dos indígenas que não podem ser adequadamente apresentadas sem um estudo linguístico. A discussão de nomes pessoais,

43 N.T.: Ver nota 3.

tribais e locais pertence a essas características. As traduções de nomes indígenas que são popularmente conhecidos, como *Sitting-Bull*⁴⁴, *Afraid Of His Horse*⁴⁵, etc, indicam que os nomes têm um significado profundo. Entretanto, é tão difícil traduzi-los que é necessário um conhecimento linguístico detalhado para explicar o seu significado adequadamente.

Em todos os aspectos mencionados até agora, o conhecimento das línguas indígenas serve como uma parte importante para uma compreensão mais plena dos costumes e das crenças do povo que estamos estudando. Mas, em todos esses casos, o serviço que a linguagem nos presta é primeiro de tudo prático – proporciona meios para um entendimento claro dos fenômenos etnológicos que, em si mesmos, não têm nada a ver com os problemas linguísticos.

Importância teórica dos Estudos Linguísticos

A Língua como uma Parte dos Fenômenos Etnológicos em Geral

Parece, entretanto, que um estudo teórico das línguas indígenas não é menos importante que o conhecimento prático delas; a investigação puramente linguística é parte e parcela fundamental de uma investigação detalhada da psicologia dos povos do mundo. Se a etnologia é compreendida como uma ciência que trata dos fenômenos mentais da vida dos povos do mundo, a linguagem humana, uma das manifestações mais importantes da vida mental, parece pertencer naturalmente ao campo de trabalho da etnologia, a menos que razões especiais evidenciem por que ela não deve ser considerada como tal. É verdade que existe uma razão prática desse tipo – a especialização que ocorreu nos métodos de pesquisa filológica, que progrediu a tal ponto que a filologia e a linguística comparada são ciências que exigem atenção absoluta e não permitem ao estudioso dedicar seu tempo a outros campos que requerem métodos diferentes de estudo. Entretanto, isso não é razão para acreditar que os resultados da pesquisa linguística não sejam importantes para o etnólogo. Há outros campos de investigação etnológica que se tornaram bastante especializados e que requerem uma especialização particular para uma abordagem bem-sucedida. Isso se aplica, por exemplo, ao estudo da música primitiva, à arte primitiva e, até certo ponto, às leis primitivas. Entretanto, esses temas continuam a formar uma parte importante da ciência etnológica.

Se os fenômenos da linguagem humana parecem formar, de certa maneira, um tema em si mesmo, talvez isso se deva ao fato de que as leis da língua permaneçam totalmente desconhecidas para os falantes, de que os fenômenos linguísticos nunca emergem à

44 N.T.: Em português: *Touro Sentado*.

45 N.T.: Em português: *Com medo do Cavalão Dele*.

consciência do homem primitivo, enquanto todos os outros fenômenos etnológicos são claramente aspectos do pensamento consciente.

A questão da relação entre fenômenos linguísticos e fenômenos etnológicos, em um sentido mais restrito do termo, merece, portanto, uma discussão específica.

Língua e Pensamento

Primeiramente, deve-se discutir a relação entre a língua e pensamento. Já foi dito que a consciência e a clareza de pensamento de um povo dependem, em grande parte, de sua língua. A facilidade com que expressamos ideias amplas e abstratas por um único termo nas línguas modernas europeias e a facilidade com que generalizações amplas são encaixadas na estrutura de uma sentença simples são consideradas condições fundamentais da clareza de nossos conceitos, da força lógica do nosso pensamento e da precisão com que nele eliminamos detalhes irrelevantes. Aparentemente, esse ponto de vista tem muito a seu favor. Quando comparamos o inglês moderno com algumas das línguas indígenas que são mais concretas na sua expressão formativa, o contraste é surpreendente. Quando dizemos *O olho é o órgão da visão*, o indígena pode não ser capaz de formar a expressão *o olho*, mas provavelmente terá que definir o que significa o olho de uma pessoa ou de um animal. Provavelmente, o indígena também não é capaz de generalizar prontamente a ideia abstrata de um olho como o representante da classe total de objetos, mas terá que especificá-lo por meio de uma expressão como *este olho aqui*. Provavelmente, ele também não é capaz de expressar a ideia de órgão por um único termo, mas terá de especificá-lo por meio de uma expressão como um instrumento de ver, para que a sentença inteira assuma uma forma como *O olho de uma pessoa indefinida é seu meio de ver*. Entretanto, reconhece-se que, nessa forma mais específica, a ideia geral pode ser bem expressa. Parece questionável até que ponto a restrição do uso de certas formas gramaticais pode ser considerada um obstáculo para a formulação de ideias generalizadas. Parece muito mais provável que a falta dessas formas se deva à falta de necessidade. Quando o homem primitivo conversa com seus companheiros, não tem o hábito discutir ideias abstratas. Seus interesses se concentram nas ocupações da sua vida diária; quanto aos problemas filosóficos, eles aparecem ou em relação a indivíduos específicos ou em formas antropomórficas de crenças religiosas. Discursos sobre qualidades sem associação ao objeto a que essas qualidades pertencem, ou discursos sobre atividades ou estados desconectados da ideia de um ator ou sujeito que deve estar em um determinado estado, raramente ocorrem em uma fala primitiva. Portanto, o indígena não falará sobre a bondade como tal, mas ele poderá falar sobre a bondade de uma pessoa. Ele não falará de um estado de felicidade absoluta

separadamente da pessoa que está nesse estado. Ele não fará referência à capacidade de ver sem designar um indivíduo que tenha essa capacidade. Portanto, em línguas em que a ideia de posse é expressa por elementos subordinados a substantivos, todos os termos abstratos aparecem sempre com elementos possessivos. Entretanto, é perfeitamente concebível que um indígena treinado no pensamento filosófico será capaz de separar as formas nominais subjacentes dos elementos possessivos e, conseqüentemente, alcançar formas abstratas estritamente correspondentes às formas abstratas das nossas línguas modernas. Fiz esse experimento, por exemplo, com a língua kwakiutl da Ilha de Vancouver, na qual nenhum termo abstrato ocorre sem seus elementos possessivos. Depois de alguma discussão, achei fácil desenvolver a ideia do termo abstrato na mente do indígena, que dirá que a palavra, sem o pronome possessivo, expressa um sentido, embora não seja usada idiomáticamente. Por exemplo, consegui separar os termos para *amor* e *piedade*, os quais normalmente ocorrem somente em formas possessivas, como *seu amor por ele* ou *minha piedade por você*. Esse ponto de vista é correto e pode ser observado em línguas nas quais os elementos possessivos aparecem como formas independentes, como, por exemplo, nas línguas siouan. Termos puramente abstratos são bastante comuns nessas línguas.

Há também evidência de que outros elementos específicos, que são característicos de muitas línguas indígenas, podem ser dispensados quando, por uma razão ou outra, se deseja generalizar um termo. Para usar o exemplo da língua kwakiutl, a ideia de *estar sentado* é quase sempre expressa com um sufixo inseparável que expressa o lugar onde a pessoa está sentada, como *sentado no chão da casa, no chão, na praia, sobre uma pilha de coisas* ou *sobre uma coisa redonda*, etc. Entretanto, quando, por alguma razão, a ideia do estado de sentar-se deve ser enfatizada, pode-se usar uma forma que expressa simplesmente *estar em uma postura de sentada*. Nesse caso também o recurso para a expressão generalizada está presente, mas a oportunidade de aplicá-lo raramente ou nunca aparece. Acredito que o que é verdadeiro nesses casos também se aplica à estrutura de todas as línguas. O fato de que formas generalizadas de expressão não são usadas não prova incapacidade de formá-las, mas simplesmente prova que o modo de vida do povo é tal que elas não são necessárias; entretanto, eles podem desenvolvê-las quando precisarem.

Evidencia-se esse ponto de vista no estudo dos sistemas numéricos de línguas primitivas. Como é sabido, existem muitas línguas nas quais os numerais não excedem dois ou três. Pode-se inferir disso que as pessoas que falam essas línguas não são capazes de formar o conceito de números maiores. Acho que essa interpretação das condições existentes é errônea. Povos como os indígenas sul-americanos (entre os quais se encontram sistemas numerais deficientes) ou os Esquimó (cujo antigo sistema numérico provavelmente não excedia dez) provavelmente não precisam de expressões numéricas

maiores porque não há tantos objetos que eles tenham de contar. Por outro lado, assim que esses mesmos povos se encontram em contato com a civilização e adquirem padrões de valor que precisam ser contados, eles adotam facilmente numerais maiores de outras línguas e desenvolvem um sistema perfeito de contar. Isso não significa que todo indivíduo que, no curso de sua vida, nunca fez uso de numerais maiores adquire sistemas mais complexos prontamente, mas a tribo como um todo parece sempre ser capaz de ajustar-se à necessidade de contar. Deve-se ter em mente que contar não é necessário até que objetos sejam considerados de forma generalizada e se percam suas individualidades de vista. Por essa razão, é possível que uma pessoa que tem um rebanho de animais domesticados pode conhecê-los pelo nome e pelas suas características sem nunca querer contá-los. Membros de uma expedição de guerra podem ser conhecidos por seus nomes e podem não ser contados. Resumindo, não há prova de que a falta do uso de numerais esteja, de alguma forma, relacionada com a incapacidade de formar os conceitos de números maiores.

Se quisermos formar um julgamento correto da influência que a língua exerce sobre o pensamento, devemos ter em mente que nossas línguas europeias, como se encontram atualmente, foram moldadas em grande parte pelo pensamento abstrato dos filósofos. Termos como *essência* e *existência*, muitos dos quais são normalmente usados, são originalmente recursos artificiais para expressar os resultados de pensamento abstrato. Nesse aspecto, esses termos parecem com os termos abstratos artificiais e não idiomáticos que podem ser formados em línguas primitivas.

Portanto, parece que os obstáculos para o pensamento generalizado herdado na forma de uma língua são de menor importância e que a língua por si só não impede um povo de avançar para formas mais generalizadas de pensar se o estado geral de sua cultura exigir a expressão desse pensamento; sob essas circunstâncias a língua é moldada pelo estado cultural. Não parece provável, portanto, que haja qualquer outra relação direta entre a cultura de uma tribo e a língua que eles falam, exceto na forma como a língua é moldada pelo estado de cultura, mas não em certo estado de cultura que esteja condicionado por traços da língua.

Caráter Inconsciente de Fenômenos Linguísticos

É de grande importância a questão da relação entre o caráter inconsciente dos fenômenos linguísticos e os fenômenos etnológicos mais conscientes. Parece-me que esse contraste é somente aparente e que a inconsciência dos processos linguísticos nos ajuda a ter uma compreensão mais clara dos fenômenos etnológicos, um ponto importante que não pode ser menosprezado. Já foi mencionado antes que ocorrem certas classificações

de conceitos em todas as línguas. Para mencionar só algumas: encontramos objetos classificados de acordo com o gênero, ou como animados ou inanimados, ou de acordo com a forma. Encontramos ações determinadas de acordo com o tempo ou lugar, etc. O comportamento do homem primitivo torna claro que todos esses conceitos, embora não estejam em uso constante, nunca chegam à consciência e, conseqüentemente, sua origem deve ser procurada não nos processos racionais da mente, mas naqueles inteiramente inconscientes, ou talvez possamos chamá-los processos instintivos da mente. Eles devem-se a um agrupamento de impressões sensoriais e de conceitos que não é voluntário em nenhum sentido do termo, mas que se desenvolve de causas psicológicas bastante diferentes. Parece que a diferença essencial entre os fenômenos linguísticos e outros fenômenos etnológicos é que as classificações linguísticas nunca atingem a consciência, enquanto em outros fenômenos etnológicos, embora a mesma origem inconsciente prevaleça, esses fenômenos frequentemente alcançam a consciência e, conseqüentemente, fazem surgir raciocínios secundários e reinterpretações. Por exemplo, parece plausível que noções religiosas fundamentais – como a ideia do poder voluntário dos objetos inanimados, ou o caráter antropomórfico dos animais, ou a existência de poderes que são superiores aos poderes mentais e físicos do homem – são originalmente tão pouco conscientes quanto as ideias fundamentais da língua. Entretanto, enquanto o uso da língua é tão automático que nunca surge a oportunidade para as noções fundamentais alcançarem a consciência, isso acontece frequentemente em todos os fenômenos relacionados à religião. Parece que não existe nenhuma tribo no mundo em que as atividades religiosas não tenham se tornado matéria do pensamento. Embora as atividades religiosas possam ter sido realizadas anteriormente, a razão para realizá-las tornou-se uma matéria do pensamento. Desde o início, as atividades religiosas alcançaram tal importância que o homem se perguntava por que ele realizava tais ações. Por isso, a partir de então surgiu a especulação em relação às atividades religiosas e passou a existir uma série de explicações secundárias que formam um campo vasto de fenômenos etnológicos.

É difícil dar uma prova definitiva da origem inconsciente dos fenômenos étnicos porque muitos deles são ou passaram a ser matéria do pensamento. A melhor evidência que pode ser dada para a sua origem inconsciente deve ser tirada da nossa própria experiência, e acho que não é difícil mostrar que certos grupos de nossas atividades, qualquer que tenha sido a história do seu desenvolvimento inicial, desenvolvem-se no momento presente em cada indivíduo e em todo o povo de maneira subconsciente; não obstante, são muito potentes na formação de nossas opiniões e ações. Simples exemplos desse tipo são ações que consideramos apropriadas ou inapropriadas e que podem ser encontradas em grande número em ações que chamamos de boas maneiras. Portanto,

modos à mesa, que no geral são vigorosamente impostos à criança enquanto ainda é pequena, têm uma forma muito fixa. Estalar os lábios e levar o prato à boca não são tolerados embora nenhuma razão estética ou nenhuma razão de qualquer outra natureza possa ser dada para sua rígida exclusão; e é instrutivo saber que, entre uma tribo como a Omaha⁴⁶, é considerada falta de educação quando alguém é convidado para comer e não fizer estalar os lábios, porque isso é considerado um sinal de apreciação da refeição. Acredito que o simples fato de que esses hábitos são costumeiros, enquanto outros não o são, pode ser reconhecido como uma razão suficiente para eliminar os hábitos que não são costumeiros e a ideia de adequação surge da continuidade e repetição automática desses atos, o que introduz a noção de que modos contrários aos costumes não são comuns, e, portanto, não são modos apropriados. Pode-se observar nessa relação que modos inadequados são acompanhados por sentimentos de desagrado bastante intensos, a razão psicológica que pode ser encontrada somente no fato de que as ações em questão são contrárias àquelas que se tornaram habituais. É evidente que, em relação aos nossos modos à mesa, o forte sentimento de adequação está associado aos modos de comer com os quais estamos familiarizados. Quando um novo tipo de comida é introduzido, o modo adequado de comer que não é conhecido, praticamente qualquer hábito que não esteja em conflito com os hábitos comuns pode se estabelecer prontamente por si mesmo.

O exemplo dos modos à mesa nos ilustra uma explicação secundária. Não é habitual levar a faca à boca, e logo surge o sentimento de que a faca não é usada dessa maneira porque, ao comer, é possível cortar os lábios. O atraso para inventar-se o garfo, o uso, em muitos países, de facas não afiadas para comer, e o fato de que se pode picar a língua ou os lábios com o garfo de aço de pontas afiadas, normalmente usado na Europa, e que continua a representar um perigo semelhante, mostram logo que essa explicação é somente uma tentativa racional secundária de explicar um costume que, do contrário, permaneceria sem explicação.

Se estabelecermos um paralelo com os fenômenos linguísticos, nesse caso, pareceria que agrupando um número de ações não-relacionadas em um grupo, apenas por causarem um sentimento de desagrado, o paralelo seria introduzido sem razão de ser e desencadearia essas ações de forma clara e definida, fazendo-as constituir um grupo por si mesmas.

Devido à importância dessa questão, é conveniente dar outro exemplo que pareça mais fundamentado que o anterior. Um caso desse tipo é apresentado em um grupo de ações que caracterizamos como discretas. Não é necessária muita reflexão para ver que,

46 Ver nota 3.

embora os sentimentos de discrição sejam fundamentais, os atos específicos considerados discretos ou indiscretos mostram imensa variação e são totalmente determinados por hábitos que se desenvolvem inconscientemente no que diz respeito à sua relação com discrição e podem ter sua origem em causas de caráter totalmente diferentes. Um estudo da história dos costumes prova que, em épocas diferentes e em diferentes partes do mundo, tem sido considerado indiscreto desnudar certas partes do corpo. Que partes do corpo são, é em grande parte uma questão de acaso. Mesmo atualmente, e dentro de uma variedade restrita, grandes variações a esse respeito podem ser encontradas. Como exemplo, pode-se citar o uso do véu na Turquia, o uso rígido de luvas em nossa sociedade e a diferença entre trajés de rua e trajés de gala. Uma mulher usando um vestido de gala em um ônibus durante o dia pareceria deslocado.

Percebemos imediatamente a intensidade dos sentimentos de discrição e da extrema repugnância do indivíduo a qualquer ato que vai contra os conceitos habituais de discrição. Em vários casos, consegue-se traçar a origem de um costume prontamente e nenhuma consideração sobre discrição exerce qualquer influência durante o seu desenvolvimento. É, portanto, evidente que o agrupamento de certos costumes se desenvolve de modo totalmente inconsciente, mas eles se destacam, com muita clareza, como um grupo separado dos outros assim que nossa atenção se dirige para os sentimentos de discrição.

Para se estabelecer um paralelo entre esse fenômeno etnológico e os fenômenos linguísticos, a característica comum entre ambos poderia ser o agrupamento de um número considerável de atividades sob a forma de uma única ideia, sem ser necessário que essa ideia seja consciente. A diferença residiria no fato de que a ideia de discrição é facilmente separada de outros conceitos, e são dadas explicações secundárias sobre o que é considerado discreto e o que não é. Acredito que a formação inconsciente dessas categorias é um dos traços fundamentais da vida étnica e ela se manifesta em muitos dos seus aspectos mais complexos; muitas de nossas opiniões e atividades religiosas, de nossos conceitos étnicos e até mesmo de nossos pontos de vista científicos, que são aparentemente baseados em raciocínio consciente, são afetados por essa tendência de distintas atividades associarem-se sob a influência de emoções fortes. Reconheceu-se antes que essa é uma das causas fundamentais de erro e de diversidade de opinião.

Parece necessário deter-se sobre a analogia entre etnologia e língua a esse respeito, porque, se adotarmos esse ponto de vista, a língua parece ser um dos campos mais instrutivos de questionamento em uma pesquisa sobre a formação das ideias étnicas fundamentais. A grande vantagem que a linguística nos oferece a esse respeito é o fato de que no geral as categorias que são formadas sempre permanecem inconscientes e, por

causa disso, os processos que levam a essa formação pode ser seguidos sem os fatores enganosos e perturbadores das explicações secundárias, que são comuns em etnologia, tanto assim que eles geralmente encobrem a história real do desenvolvimento das ideias.

São raros os casos em que um povo começa a especular sobre as categorias linguísticas. Essas categorias são quase sempre afetadas de modo claro pelo raciocínio falho que levou a explicações secundárias, de forma que elas são prontamente reconhecidas como tal e não podem perturbar a visão clara da história dos processos linguísticos. Na América encontramos essa tendência, por exemplo, entre os Pawnee, que parecem ter sido levados a diversas opiniões religiosas por semelhanças linguísticas. Incidentalmente, esses casos também ocorrem em outras línguas, como, por exemplo, na mitologia chinuque, na qual o Herói Cultural descobre um homem numa canoa que obtém peixe por meio da dança e lhe diz que ele não deve fazer isso, mas deve pegar os peixes com uma rede. Uma lenda que é totalmente baseada na identidade de duas palavras para *dançar* e *pegar com a rede*. Esses são casos que mostram que a teoria de Max Müller sobre a influência da etimologia sobre conceitos religiosos explica alguns fenômenos religiosos, embora ela possa ser considerada responsável apenas por uma pequena parte.

Julgando-se a importância dos estudos linguísticos a partir desse ponto de vista, parece que vale a pena submeter toda a variedade de conceitos linguísticos a uma análise investigativa e procurar, nas particularidades do grupo de ideias em diferentes línguas, uma característica importante na história do desenvolvimento mental de vários ramos da humanidade. A partir desse ponto de vista, a ocorrência dos conceitos gramaticais mais fundamentais em todas as línguas deve ser considerada como prova da unidade de processos psicológicos fundamentais. O agrupamento característico de conceitos em línguas americanas será tratado mais detalhadamente na discussão dos troncos linguísticos. O significado etnológico desses estudos reside na definição clara de agrupamentos de ideias que são produzidos pelo estudo objetivo da língua.

Há ainda outro aspecto teórico que merece atenção especial. Quando tentamos pensar claramente, pensamos, em geral, em palavras. E sabe-se que, mesmo com o avanço da ciência, a imprecisão de vocabulário tem sido frequentemente um obstáculo= que torna difícil chegar a conclusões precisas. As mesmas palavras podem ser usadas com significados diferentes, e ao supor-se que a palavra tenha sempre o mesmo significado, pode-se chegar a conclusões erradas. É possível que a palavra pode expressar somente parte de uma ideia e, devido a seu uso restrito, a amplitude do assunto discutido pode não ser reconhecida. Do mesmo modo, as palavras podem ser tão amplas em seu significado e incluir um número de ideias distintas cujas diferenças, no curso do desenvolvimento da

língua, não foram reconhecidas. Além disso, percebemos que, entre tribos mais primitivas, semelhanças sonoras são mal-entendidas e que ideias expressas por palavras semelhantes são consideradas semelhantes ou idênticas, e que termos descritivos são mal-entendidos quando expressam uma identidade ou, pelo menos, uma relação próxima entre o objeto descrito e o grupo de ideias contido na descrição.

Todas essas características do pensamento humano, que se sabe ter influenciado a história da ciência e ter tido um papel importante na história geral da civilização, ocorrem com igual frequência nos pensamentos do homem primitivo. Basta dar alguns exemplos desses casos.

Um dos casos mais comuns de um conjunto de visões que pode ilustrar a falha em notar que a mesma palavra pode significar objetos diferentes é aquele baseado na crença da identidade de pessoas que têm o mesmo nome. Em geral, acredita-se que a criança recebe o mesmo nome de um ancestral porque ela seja a reencarnação da individualidade do ancestral. Parece, entretanto, mais provável que não seja essa a razão verdadeira para os pontos de vista associados a esse costume. Isso se deve ao fato de que não se faz distinção entre o nome e a personalidade conhecida sob esse nome. A associação estabelecida entre nome e indivíduo é tão próxima que ambos parecem quase inseparáveis e, quando um nome é mencionado, não só o nome, mas também a personalidade do seu detentor aparece antes na mente do falante.

Devido ao fato de que um conjunto de ideias distintas é expresso por um único termo, inferências baseadas em formas particulares de classificação de ideias verificam-se nos termos para relações sociais de várias línguas; como, por exemplo, em nosso termo *tio*, que significa as duas classes distintas do irmão do pai e irmão da mãe. Nesse caso, pressupõe-se, normalmente, que a expressão linguística é um reflexo secundário dos costumes do povo; mas pode-se questionar até que ponto um fenômeno é o primário e o outro é o secundário, e questionar se os costumes de um povo não se desenvolveram da terminologia inconscientemente desenvolvida.

Não são raros os casos nos quais a semelhança sonora das palavras é refletida na visão de mundo do povo, e exemplos desse tipo foram dados antes ao referir-se à teoria da origem das religiões de Max Müller.

Finalmente, podem-se dar alguns exemplos de casos em que o uso de termos descritivos para certos conceitos, ou o uso metafórico dos termos, leva a visões de mundo e costumes específicos. Parece plausível, por exemplo, que os termos para relações sociais pelos quais algumas tribos indígenas do leste designam uma à outra eram originalmente nada mais que um uso metafórico desses termos e que a elaboração posterior das

relações sociais das tribos pode ter sido determinada pela transferência das ideias que acompanham esses termos na prática.

Mais convincentes são exemplos tirados do uso de termos metafóricos na poesia que, em rituais, são tomados literalmente e formam a base de alguns ritos. Acredito, por exemplo, que a imagem recorrente da *riqueza devoradora* tem uma relação estreita com a forma detalhada do ritual de inverno entre os indígenas da costa norte do Pacífico e que a símile poética na qual o chefe é chamado de *suporte do céu* foi até certo ponto usada literalmente na elaboração de ideias mitológicas.

Portanto, parece que tanto do ponto de vista prático quanto teórico, o estudo da língua deve ser considerado um dos mais importantes ramos do estudo etnológico porque, por um lado, não se pode chegar a uma pesquisa etnológica detalhada sem um conhecimento prático da língua, e, por outro lado, os conceitos fundamentais ilustrados pelas línguas humanas não são diferentes em tipo dos fenômenos etnológicos; e porque, além disso, as características particulares das línguas são claramente refletidas nas visões de mundo e nos costumes dos povos do mundo.

5. Características das Línguas Americanas

Em tratados antigos sobre as línguas do mundo, as línguas foram frequentemente classificadas como línguas isolantes, aglutinantes, polissintéticas e flexionais. Chinês é geralmente um exemplo de língua isolante. As línguas aglutinantes são representadas pelas línguas Uralo-Altaias do norte da Ásia. As línguas polissintéticas são representadas pelas línguas da América. Já as línguas flexionais são representadas pelas línguas indo-europeias e semíticas. Como características essenciais desses quatro grupos pode ser destacado que, no primeiro, as sentenças são expressas unicamente pela justaposição de elementos que não mudam. Nas línguas aglutinantes um único radical é modificado pelo acréscimo de elementos formativos que modificam a ideia fundamental do radical. Em línguas polissintéticas, muitas ideias diferentes são aglutinadas por processos gramaticais e formam uma única palavra sem nenhuma distinção morfológica entre os elementos formais na sentença e os conteúdos da sentença. Por outro lado, nas línguas flexionais existe uma distinção marcante entre os elementos formais e os conteúdos materiais da sentença, sendo que os radicais são unicamente modificados de acordo com as formas lógicas em que eles aparecem na sentença.

Um exemplo de língua polissintética pode ser dado através da seguinte palavra em Esquimó: *takusariartorumalaguarnerpâ?*, VOCÊ REALMENTE ACHA QUE ELE PRETENDE CUIDAR DISSO? – (*takusar[pâ]* – ELE CUIDA DISSO; *-iartor[poq]* – ELE VAI PARA; *-uma[voq]*)

– ELE PRETENDE; *-[g]aluar[poq]- ele faz assim- mas; -ner[poq] – você acha que ele; -â, interrogação, terceira pessoa). Pode-se reconhecer aqui que não há correspondência entre os elementos sufixos do radical fundamental e dos elementos que aparecem nas línguas indo-europeias, mas uma grande variedade de ideias é expressa por uma série longa de sufixos. Outro exemplo de tipo semelhante é a palavra em tsimshian *t-yuk-ligi-lo-d'Ep-dāLEt* – *Ele começou a colocá-lo em algum lugar dentro* (*t, ele; yuk* começar; *ligi* algum lugar; *lo* dentro ; *d'Ep* para baixo; *dāl* colocar para baixo; *-t* isso).*

As línguas americanas também foram designadas como línguas incorporantes, o que significa que, na expressão verbal, elas tendem a incorporar o objeto da sentença, nominal ou pronominal. Exemplos dessa tendência são a palavra Mexica *ni-petla-tšīwa* – EU FAÇO ESTEIRAS (*petla-tl*, esteira); ou a palavra em Pawnee *tA-t-ítka`wit* – EU CAVO A LAMA (*tA* – indicativo, *t-I, itkaru*, lama, *-pit* cavar, [*rp* em contato, forma `w]), ou a palavra em Oneida *g-nagla`-sl-i-zak-s* – EU PROCURO POR UMA VILA (*g- I* - eu, *-nagla`* viver, *-sí* – substantivo abstrato, *-i-* caráter verbal, *-zak* procurar, *-s* –continuativo).

Um conhecimento mais detalhado da estrutura de muitas línguas americanas mostra que a designação geral dessas línguas como parassintéticas e incorporadoras não é viável. Temos nas línguas americanas um número suficientemente grande de casos de línguas nas quais os pronomes não são incorporados, mas adicionados frouxamente ao verbo. Também temos várias línguas nas quais quase não ocorre a incorporação de muitos elementos em uma única palavra. Entre as línguas tratadas aqui, o chinuque pode ser dado como um exemplo de falta de polissíntese. Há muitos poucos casos como aquele em que uma única palavra em chinuque expressa um extenso conjunto de ideias e notamos particularmente que não há a expressão de ideias em grandes classes de tal forma que possam ser consideradas subordinadas. Uma análise da estrutura da gramática chinuque mostra que cada radical verbal é modificado apenas por elementos pronominais e por alguns elementos adverbiais. Os substantivos quase não mostram nenhuma tendência para incorporar novas ideias como as expressas por nossos adjetivos. Por outro lado, as línguas atapaskan, haida e tlingit podem ser tomados como exemplos de línguas que, embora sejam polissintéticas no sentido aqui descrito, não incorporam prontamente os objetos, mas tratam ambos, o sujeito pronominal e o objeto pronominal, como elementos independentes. Entre as línguas do norte da América do Norte, somente o Iroquês tem uma tendência tão forte a incorporar o objeto nominal ao verbo, e, ao mesmo tempo, modificar tanto suas formas independentes que ela pode ser considerada uma das línguas características de incorporação de objeto. Em uma proporção menor, essa característica também está presente nas línguas tsimshian, em Kutenai e Shoshone⁴⁷. Esse traço é

47 N.T.: Ver nota 3.

fortemente desenvolvido nas línguas caddoanas. Todas as outras línguas incorporantes tratadas aqui, como esquimó, algonquiano e kwakiutl, restringem-se a uma incorporação mais ou menos semelhante de objeto pronominal. Em shoshone, a incorporação do objeto pronominal e do objeto nominal é tão fraca que é quase arbitrário considerarmos essas formas como incorporadas ou não. Se estendermos nosso estudo para outras partes da América, o mesmo fato aparece visivelmente, não sendo possível considerar esses dois traços como características de todas as línguas americanas.

Por outro lado, há certos traços que, embora não sendo comuns em todas as línguas americanas, são frequentes e não são menos característicos que a tendência para a incorporação do objeto e a polissíntese. O mais importante desses traços é a tendência em dividir nitidamente o verbo em uma classe ativa e uma neutra, uma das quais está estreitamente relacionada às formas possessivas do substantivo, enquanto a outra é tratada como um verbo verdadeiro. Podemos talvez dizer que as línguas americanas têm uma forte tendência a estabelecer uma linha divisória entre termos denominativos e termos predicativos, mas não do mesmo modo como estamos acostumados a fazer. Nas línguas americanas muitos dos nossos termos predicativos estão estreitamente relacionados aos termos nominais, em geral os verbos neutros que expressam um estado, como *sentar* ou *ficar em pé*. Esses também incluem um número considerável de adjetivos. Por outro lado, termos que expressam atividades – como *cantar, comer, matar* – são tratados como verdadeiros termos predicativos. A diferença entre essas duas classes é geralmente expressa pela ocorrência de um conjunto de pronomes inteiramente ou parcialmente separados dos termos predicativos.

Além desses pontos extremamente vagos, quase não há características que sejam comuns a muitas línguas americanas. Entretanto, podem-se enumerar algumas características que ocorrem com considerável frequência em muitas partes da América.

Os sistemas fonéticos das línguas americanas diferem consideravelmente, mas se encontra frequentemente uma diferença particular entre oclusivas vozeadas e surdas – correspondentes aos nossos *b, p; d, t; g, k* – que diferem em princípio da classificação de sons correspondentes na maioria das línguas europeias. Uma análise de vocabulários e textos americanos mostra claramente que todos os pesquisadores têm tido certa dificuldade para diferenciar esses sons. Embora não haja a menor dúvida de que eles se diferenciam qualitativamente, parece haver em quase em todos os lugares uma tendência para pronunciar os sons vozeados e surdos com quase a mesma acentuação na articulação, não como nas línguas europeias, nas quais o som surdo é geralmente pronunciado com maior intensidade. A igualdade de intensidade nos dois sons faz parecer que as diferenças são

moderadamente leves. Por outro lado, há frequentemente sons, especialmente nas línguas da costa do Pacífico, nos quais a intensidade de articulação usada é consideravelmente maior que algumas intensidades que ocorrem em línguas com as quais estamos mais familiarizados. Esses sons são geralmente surdos, mas uma alta pressão de ar na cavidade oral é garantida ao fechar-se a glote e as narinas ou ao fechar a parte posterior da boca com a base da língua. A emissão no ponto de articulação solta uma pequena quantidade de ar muito comprimido e a abertura subsequente da glote e das narinas ou da base da língua produz uma ruptura na continuidade do som.

Também encontramos com bastante frequência a ocorrência de um número de oclusões lingualizadas que correspondem com maior ou menor precisão aos nossos sons *k*; entretanto, eles são mais finamente diferenciados que os nossos sons *k*. Portanto, o som velar *k*, que é tão característico das línguas semíticas, ocorre frequentemente na América. Por outro lado, o som labiodental *f* parece bastante raro, e o som que se assemelha mais frequentemente é o som bilabial.

O mesmo pode ser dito quanto ao *r*, que, no geral, é um som raro nas línguas americanas, e cuja vibração é quase sempre tão fraca que se funde com os sons *d*, *n*, *l*, ou *y*, conforme o caso.

No geral, o sistema de consoantes das línguas americanas é bem desenvolvido, especialmente devido à ocorrência de três acentuações às quais já fiz referência anteriormente, em vez de duas com as quais estamos mais familiarizados. Em alguns grupos de línguas, também temos um conjunto bem distinto de oclusivas acompanhadas de respiração plena, o que corresponde aos sons surdos ingleses. Além disso, uma ruptura especial, produzida ao fecharem-se as cordas vocais, ocorre geralmente não só em relação às consoantes, mas também ao seguir ou preceder vogais ou consoantes africadas. Essa entonação é algumas vezes bastante audível e algumas vezes há meramente uma ruptura ou hiato na continuidade da pronúncia. Algumas vezes, parece relacionada com a pronúncia de uma consoante sonora em que a voz é precedida pelo fechamento das cordas vocais. Em outros casos, parece relacionada à produção de grande intensidade de articulação à qual já me referi antes. Por exemplo, em um som forte *t*, a língua pode ser pressionada tão intensamente contra o palato que todos os órgãos de articulação, incluindo as cordas vocais, participam da tensão, e a expulsão súbita de ar é também acompanhada de um relaxamento súbito das cordas vocais, tanto que, por essa razão, o forte som explodido parece ser acompanhado da entonação das cordas vocais.

Como já foi dito acima, essas características não são de modo algum comuns a todas as línguas americanas, mas elas são suficientemente frequentes para merecer menção em uma discussão generalizada sobre o assunto.

Por outro lado, há línguas que são bastante deficientes em seu sistema fonético. Entre essas, podemos mencionar, por exemplo, o Iroquês, que não possui uma única consoante verdadeiramente labial; ou o Haida, cujas labiais se restringem a alguns sons que são bastante raros.

Os sistemas vocálicos das línguas do norte parecem particularmente incertos. Há numerosos casos em que ocorrem vogais indefinidas, que são evidentemente relacionadas com vogais plenas, mas cujas afiliações não podem ser determinadas. Parece que nas línguas do sul essas vogais fracas não são tão predominantes. Encontra-se também frequentemente uma falta de distinção clara entre *o* e *u*, por um lado, e *e* e *i*, por outro lado. Embora haja variação de vogais em algumas línguas, há outras em que o sistema vocálico é bem definido e suas distinções são expressas não só pelo timbre da vogal, mas também pelo seu tom ascendente ou descendente. Entre esses, podem-se mencionar o Pawnee e o Takelma. O Pawnee parece ter pelo menos dois tons, um descendente e um ascendente, enquanto em Takelma parece haver três tons. Vogais nasalizadas parecem ser muito comuns em algumas línguas e totalmente ausentes em outras. Essa nasalização ocorre tanto com os lábios abertos como com os lábios fechados. Um exemplo deste último é o Iroquês *u^m*.

Não é possível fazer uma caracterização geral das línguas americanas com relação ao agrupamento sonoro. Enquanto em algumas línguas são formados encontros consonantais de alta complexidade, outras evitam tais encontros. Há, entretanto, um hábito de pronúncia amplamente distribuído que merece atenção, e que é a falta de articulação ao pronunciar os finais das palavras que algumas vezes são pronunciadas de tal modo que, em uma tentativa de se escrever as palavras, as terminações, gramaticais ou de outra natureza, podem tornar-se totalmente inaudíveis. A forma mais simples na qual essa tendência se expressa é na supressão das consoantes terminativas, que são somente articuladas, mas não pronunciadas. No dialeto dos Tsimshian do rio Nass, por exemplo, a terminação *n* da palavra *gan* -ÁRVORE – é indicada pela posição da língua, mas é totalmente inaudível, a menos que a palavra seja seguida por outras palavras pertencentes à mesma sentença. Nessa língua, o mesmo se aplica para os sons *l* e *m*. As vogais são suprimidas de maneira semelhante ao serem somente indicadas pela posição da língua, sem serem articuladas. Isso acontece frequentemente com o *u* seguido de um *k* na mesma posição. Então, os Kwakiutl pronunciam *wā'dEk^u*. Entretanto, se for seguido por outra vogal, o *u*, que não é articulado, aparece como um *w*, como na forma *wā'dEkwa*.

A falta de clareza na articulação, entretanto, estende-se para todas as sílabas, fazendo com que, nesse caso, apareçam altamente modificadas. Portanto, no dialeto oneida

dos Iroqueses, ouve-se um som peculiar de *l*, que supostamente ocorre somente nessas sílabas mal articuladas. Nota-se que os indígenas de todas as tribos são perfeitamente conscientes dos elementos fonéticos que foram conseqüentemente suprimidos, e sabem pronunciar as palavras com suas terminações plenas quando são questionados a fazê-lo.

Outro traço que é característico de muitas línguas americanas e que merece menção é a tendência de várias partes da população a modificar a pronúncia dos sons. Portanto, verificamos que, entre algumas tribos esquimós, os homens pronunciam a terminação *p, t, k* e *q* distintamente, enquanto as mulheres sempre transformam esses sons em *m, n, ñ* e *ñ*. Em alguns dialetos os homens também adotaram esse modo de pronunciar e, conseqüentemente, a pronúncia tornou-se uniforme de novo. Esses hábitos, que são particulares a certos grupos sociais, não são totalmente estranhos para nós, mas são raramente desenvolvidos de modo tão marcante como em algumas das línguas indígenas.

Em muitas línguas americanas, encontram-se leis de eufonia altamente desenvolvidas – leis pelas quais automaticamente um som em uma sentença exige certos sons para precedê-lo ou segui-lo. Na maioria dos casos, essas leis de eufonia parecem configurar-se de um modo que pode ser comparado às leis da harmonia vocálica nas línguas uralo-altaicas. Destaca-se, entre essas leis, a influência do *o* sobre as vogais posteriores, que ocorre em algumas línguas da costa do Pacífico. Nelas, as vogais posteriores a um *o* na mesma palavra devem, em algumas condições, ser transformadas em vogais *o*, ou pelo menos ser modificadas pelo acréscimo de um *w*. As influências numerosas de contatos sonoros diferem consideravelmente em suas características e são bem pronunciados nas línguas siouanas, e ocorrem também, mas de uma forma bastante diferente, na língua pawnee. Nesse sentido, é bom dar um exemplo desses sons também. Assim, em Dakota, palavras terminadas em um *a* e seguidas por uma palavra que comece em *k* transformam o som anterior em *e* e o posterior em *č*. Por outro lado, em pawnee, a combinação *tr* é sempre transformada em um *h*; *b* posterior a um *i* é geralmente transformado em um *w*; *rp* muda para *hw*, etc. Embora em algumas línguas essas mudanças fonéticas não sejam predominantes, elas são extremamente importantes em outras. Elas correspondem, de certo modo, às leis de eufonia do Sânscrito.

Da mesma forma como há muita variação nos sistemas fonéticos, encontram-se também variações no uso de recursos gramaticais. Ao discutir-se a definição de uma palavra, notou-se que, em algumas línguas americanas, a unidade-palavra parece ser perfeitamente clara e consistente, enquanto, em outras, a estrutura da sentença parece justificar que a consideremos como composta por um número de elementos independentes combinados por justaposição. Portanto, línguas que têm um caráter polissintético tendem

a formar unidades-palavras bem unidas, que podem ser sentenças predicativas, mas que podem também ser usadas com finalidade denominativa. Por exemplo, os Chinuque dizem, *Ele corre para dentro da água*, e podem designar o visão⁴⁸ por esse termo; ou os Hoopa⁴⁹ dizem, *Eles foram colocados juntos*, significando, por esse termo, *um fogo*. Por outro lado, há inúmeras línguas na América em que expressões desse tipo são totalmente impossíveis.

Ao formarem-se palavras ou sentenças, usam-se afixos extensivamente e encontram-se prefixos assim como sufixos e infixos. Na América, há incerteza quanto à ocorrência de casos em que verdadeiros infixos ocorram em um radical, e que podem ser explicados seja pela inserção do elemento aparentemente infixo em um radical composto, seja devido a fenômenos fonéticos secundários, como esses de metástase. Porém, nas línguas siouan, pelo menos, ocorre infixação em radicais dissílabos, aparentemente simples na sua origem. Do contrário, a sufixação é, no geral, mais extensamente usada que a prefixação. Em algumas línguas somente um desses dois métodos é usado, em outras, ambos. Não há nenhuma língua em que ocorra somente a prefixação.

A mudança do radical é também um recurso usado com frequência. Verifica-se especialmente que métodos de reduplicação são usados de modo extenso. Também ocorrem modificações de sons simples do radical, e algumas vezes de forma peculiar. Portanto, há casos, como na língua tsimshian, em que a duração de uma vogal indica pluralidade, ou como nas línguas algonquinas em que a modalidade é expressa por modificações vocálicas, e do chinuque, em que o diminutivo e o aumentativo são expressos aumentando-se a intensidade das consoantes. Algumas vezes encontra-se uma abundância de formas reduplicadas, reduplicando-se o radical já reduplicado uma segunda ou até mesmo uma terceira vez. Por outro lado, há várias línguas em que o radical é totalmente imutável, exceto quando ele está sujeito a fenômenos de contato fonético.

Os seguintes exemplos gramaticais foram contribuições de pesquisadores e cada um deles fez um estudo especial do material linguístico de que trata. Tentou-se adotar, tanto quanto possível, um método uniforme de tratamento, sem, entretanto, sacrificar-se a abordagem individual de cada pesquisador.

De acordo com os pontos de vista gerais expressos nos capítulos introdutórios, o tratamento metodológico foi analítico em todas as partes. Não foi feita nenhuma tentativa de comparação das formas de gramáticas indígenas com as gramáticas do inglês, latim, ou nem mesmo entre elas mesmas. Entretanto, em cada caso as classificações psicológicas

48 N.T.: Visão (vison-americano, *Neovison vison*), mamífero da família dos mustelídeos semelhante à doninha.

49 N.T.: Ver nota 3.

apresentadas dependem inteiramente da forma interna de cada língua. Em outras palavras, a gramática foi tratada como pensada por um indígena inteligente que desenvolvesse as formas de seu próprio pensamento através de uma análise de sua própria forma de falar.

Entende-se que não se pode afirmar que os resultados desta análise representem categorias fundamentais das quais a forma atual de cada língua tenha se desenvolvido. Não há a menor dúvida de que, em todas as línguas indígenas, ocorreram processos análogos aos processos que são historicamente conhecidos e aos quais as formas modernas das línguas indo-europeias devem as suas formas atuais. Perderam-se categorias gramaticais e novas se desenvolveram. Mesmo uma análise superficial dos dialetos de várias famílias linguísticas americanas evidencia que processos semelhantes aconteceram aqui. Como exemplo, verifica-se que, no dialeto ponca das línguas siouan, os nomes são classificados de acordo com a forma e que há uma evidente distinção formal entre o sujeito e o objeto da sentença. Essas características importantes desapareceram completamente no dialeto dakota do mesmo grupo linguístico. Ainda como exemplo, encontra-se um gênero pronominal em todos os dialetos do tronco salish que são falados a oeste da serra costeira dos estados de Washington e na Colúmbia Britânica, enquanto que nos dialetos do interior não há nenhuma evidência desse gênero. Por outro lado, verifica-se em um dos dialetos interioranos do Salish a ocorrência de uma forma exclusiva e inclusiva de pronome, que não está presentes em nenhum dos outros dialetos do mesmo tronco. Não há informação sobre a história das línguas americanas e o estudo dos dialetos não se desenvolveu suficientemente para permitir estabelecer largas inferências em relação a esse assunto. Portanto, é impossível, em alguns casos aqui mencionados, afirmar se a ocorrência ou a não ocorrência dessas categorias se deve à perda de formas antigas em um dialeto ou a uma diferenciação posterior no outro.

Embora a partir de uma gramática analítica não se possa estabelecer nenhuma afirmação categórica na apresentação da história do desenvolvimento de categorias gramaticais, é possível evidenciar o estado atual do desenvolvimento gramatical de cada grupo linguístico. Os resultados de nossa pesquisa deverão ser complementados posteriormente por uma análise detalhada e pela comparação de todos os dialetos de cada tronco linguístico.

Devido às variações fundamentais entre famílias linguísticas diferentes, é aconselhável desenvolver a terminologia de cada uma independentemente das outras, buscando-se uniformidade somente nos casos em que se possa obtê-la sem projetar artificialmente a definição dos termos. No final deste volume, planeja-se fazer uma discussão comparativa das línguas, quando forem feitas referências aos textos publicados.

No estado atual de nosso conhecimento, podem-se distinguir as seguintes famílias linguísticas da América do Norte ao norte do México:

1. Esquimó (costa do Ártico)⁵⁰.
2. Atapascan (interior do noroeste, Oregon, Califórnia, Sudoeste).
3. Tlingit (costa sul do Alasca).
4. Haida (Ilhas Queen Charlotte, Colúmbia Britânica).
5. Salishan (sul da Colúmbia Britânica e nordeste de Washington).
6. Chemakum (costa oeste de Washington).
7. Wakashan (Ilha de Vancouver).
8. Algonquin (região sul da Baía Hudson e Woodlands orientais).
9. Beothuk (Terra Nova).
10. Tsimshian (costa norte da Colúmbia Britânica).
11. Siouan (planícies do norte a oeste do Mississipi e Carolina do Norte).
12. Iroquês (baixos Grandes lagos e Carolina do Norte).
13. Caddoan (parte sul das planícies a oeste do Mississipi).
14. Muskogean (sudeste dos Estados Unidos).
15. Kiowa (planícies do meio-oeste).
16. Shoshonean (planaltos do oeste dos Estados Unidos).
17. Kutenai (interior sudeste da Colúmbia Britânica).
18. Pima (Arizona e Sonora).
19. Yuma (Arizona e Baja Califórnia).
20. Chinuque (baixo Rio Califórnia).
21. Yakona (Baía Yaquina)
22. Kus (costa central do Oregon).
23. Takelma (Rio Rogue, Oregon).
24. Kalapuya (vale do Willamette, Oregon).
25. Waiilaptuana (montanhas Cascade a leste do Willamette, Oregon).
26. Klamath (interior sudeste do Oregon).
27. Sahaptina (interior do Oregon).
28. Quorateana (Rio Klamath).
29. Weitspekan (parte baixa do Rio Klamath).
30. Shasta (interior nordeste da Califórnia).
31. Wishok (costa norte da Califórnia)

50 N.T.: atual Esquimó-Aleuta. Ver CAMPBELL, Lyle. 1997. *American Indian Languages: The Historical Linguistics of Native America*. Oxford: Oxford University Press.

32. Yana (afluentes do leste do alto Rio Sacramento, Califórnia).
33. Chimarico (cabeceiras do Rio Sacramento, Califórnia).
34. Wintuna (vale do Rio Sacramento).
35. Maidu (leste do Rio Sacramento).
36. Yuki (norte da Baía de São Francisco).
37. Pomo (costa norte da Baía de São Francisco).
38. Washo (Lago Washoe, Nevada e Califórnia).
39. Moquelumna (leste do baixo Rio Tulare, Califórnia).
40. Yokuts (sul do Rio Tulare, Califórnia).
41. Costanoan (sul da Baía de São Francisco, Califórnia).
42. Esseleniana (costa sul da Califórnia).
43. Salinana (costa sul da Califórnia).
44. Chumashana (costa sul da Califórnia).
45. Tanoana (Pueblos do Novo México e Arizona).
46. Zuñi (Pueblos do novo México e Arizona).
47. Keres (Pueblos do novo México e Arizona).
48. Pakawan (de Riacho Cibolo, Texas, ao interior do estado de Coahuila, México).
49. Karankawa (costa do Golfo do México a oeste de Atakapa).
50. Tonkawa (zona interior da mesma região acima).
51. Atakapa (costa do Golfo do México a oeste de Chitimacha).
52. Chitimacha (costa do golfo do México a oeste do Mississipi).
53. Tunica (costa do golfo do México a oeste do Mississipi).
54. Yuchi (leste da Geórgia).
55. Timuqua (Flórida).

Dessas, o presente volume contém textos de um número de línguas do grupo do norte, das famílias Athapascan, Tlingit, Haida, Tsimshian, Kwakiutl, Chinuque, Maidu, Algonquina, Siouan, Esquimó.

Tradução

Danilo Paiva Ramos

Professor do Departamento de Ciências Humanas/Universidade Federal de Alfenas
Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Universidade Federal
de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0002-3169-504X>
danilo.ramos@unifal-mg.edu.br

Lúcia Ely Paiva

Tradutora, professora de inglês e participante do Programa formativo para tradutores
literários da Casa Guilherme de Almeida/Centro de Estudos de Tradução Literária

lpaivaramos@yahoo.com.br

Revisão técnica

Karolin Obert

Pós-doutoranda em Linguística/Universidade Lund

<https://orcid.org/0000-0003-4612-0158>

karolin.obert@ling.lu.se

Recebido em 03 de abril de 2022.

Aceito em 08 de agosto de 2022.